



PREFEITURA DE
LONDRINA

Secretaria Municipal de
Cultura



MUSEU
HISTÓRICO
DE LONDRINA



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FEIRA DO CINÇÃO

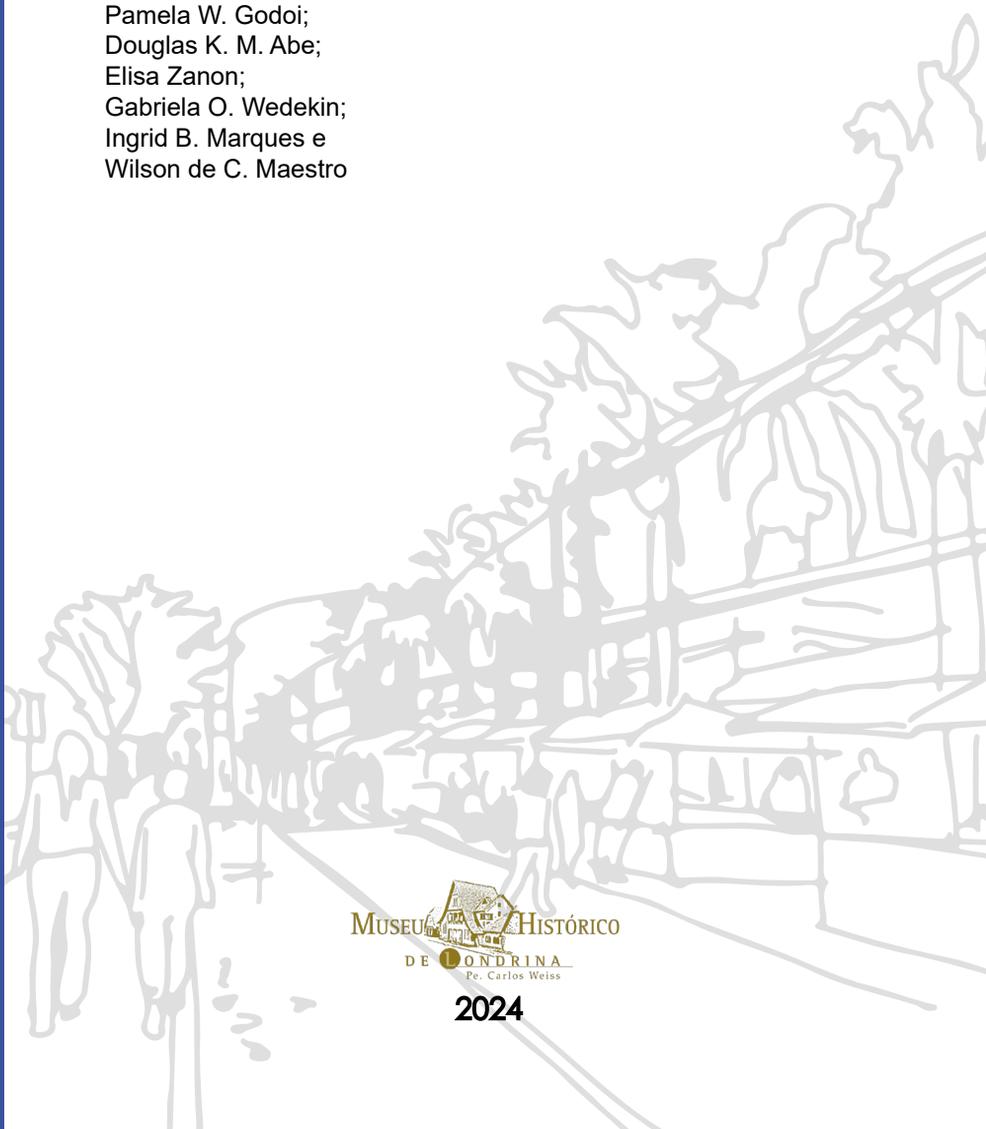
Feira Livre Da Av. Saul Elkind Zona Norte

Carla Caires;
Amábil L. Campos;
Pamela W. Godoi;
Douglas K. M. Abe;
Elisa Zanon;
Gabriela O. Wedekin;
Ingrid B. Marques e
Wilson de C. Maestro



ESTUDO TÉCNICO DE SUBSÍDIO À DELIBERAÇÃO DE TOMBAMENTO E RECOMENDAÇÃO PARA SALVAGUARDA DA FEIRA DO CINCÃO - FEIRA LIVRE DA AV. SAUL ELKIND ZONA NORTE

Carla Caires;
Amábile L. Campos;
Pamela W. Godoi;
Douglas K. M. Abe;
Elisa Zanon;
Gabriela O. Wedekin;
Ingrid B. Marques e
Wilson de C. Maestro



Reitora

Profª. Drª. Marta Regina Gimenez Favaro

Vice-reitor

Prof. Dr. Airton José Petris

Diretora Acadêmica do MHL

Profª Drª Edméia Ribeiro

Coordenação Geral

Profª Drª Edméia Ribeiro

Editores

Profª Drª Edméia Ribeiro

Comissão Executiva

Edeni Ramos Vilela
Amauri Ramos da Silva

ASAM - Presidência

Ana Rosa Lunardelli

Editoração

Marina dos Santos Galli

Fonte

Arial
Century Gothic
Dream School
Arcane Nine

Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

F299 Feira do Cincão: feira livre da av. Saul Elkind Zona Norte / Carla Caires... [et al.]; editora Edmeia Ribeiro. – Londrina : Museu Histórico, 2024.
130 p. : il.-- (Estudos patrimoniais Elisa Zanon ; n.6)

Vários autores.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-992673-5-2

1. Feira do Cincão – Zona norte – Londrina, Pr. 2. Feiras livres – Zona norte – Londrina, Pr. 3. Cinco Conjuntos – Formação – Londrina, Pr. 4. Feiras livres - Patrimônio cultural -Londrina, Pr. 5. Cinco Conjuntos - História social - Londrina Pr. I. Caires, Carla. II. Ribeiro, Edmeia. III. Título. IV Série.

CDU 2.ed. 719:339.177(816.2Londrina)

Bibliotecário: Wilson de Souza – CRB.1594/9



**PREFEITURA DE
LONDRINA**

Secretaria Municipal de
Cultura



MUSEU
HISTÓRICO
DE LONDRINA



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



COMITÊ EDITORIAL

Dra. Ana Carolina Gléria Lima (USP - Universidade de São Paulo)

Me. Camila Silva de Oliveira (UEL - Universidade Estadual de Londrina/USP - Universidade de São Paulo)

Dra. Edméia Ap. Ribeiro (MHL - Museu Histórico de Londrina/UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Dra. Eloisa Ramos Ribeiro Rodrigues (UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Dr. José Miguel Arias Neto (NDPH - Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Dra. Juliana Harumi Suzuki (UFPR - Universidade Federal do Paraná)

Dr. Leandro Henrique Magalhães (Unifil - Centro Universitário Filadélfia)

Dra. Priscila Henning (UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Dr. Rogério Ivano (UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Solange Cristina Batigliana (Diretora de Patrimônio de Londrina)

Dra. Teba Silva Yllana (UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Vanda de Moraes (Presidente do COMPAC - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural/Londrina)

Feira-livre

Feira-livre: por que livres?
Aqui todos estão presos
ou nas bancas de legumes
ou na ciranda dos preços

Ninguém comete um crime
mas a freguesia lincha
os feirantes com pechinchas
e eles fogem com desculpas:

“Choveu, alface estragou...
“Não choveu, alface secou”
enquanto as frutas se culpam
ruboriza o rabanete

A cebola (grande lágrima
conforme Pablo Neruda)
ao alho suplica ajuda
para entender essa gente

E o alho (que sabe tudo)
diz: a feira é um retrato
pequeno (um três por quatro)
disso que chamam de mundo

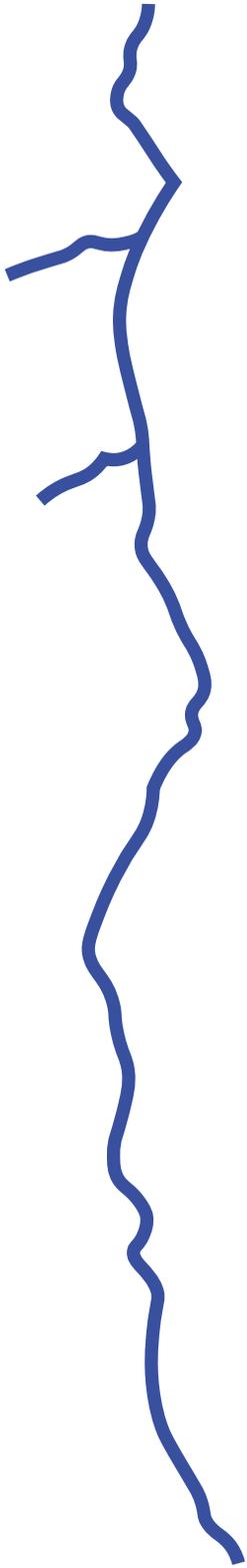
Domingos Pellegrini, 2006.



A série “Estudos Patrimoniais” é resultado de um projeto que objetivou a realização de dez estudos técnicos de bens patrimoniais da cidade de Londrina. Durante a execução desses estudos, lamentamos profundamente a perda inestimável da professora Elisa Roberta Zanon, autora e colaboradora dedicada nesta pesquisa, cujo comprometimento e paixão eram evidentes e fonte inspiradora para todos. Sua partida deixa o grupo que executa esses estudos privado das contribuições valiosas que, de maneira significativa, moldavam e aprimoraram estes trabalhos.

A professora Elisa era formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual de Londrina, especialista em História e Teorias da Arte, mestra em Geografia pela mesma universidade e doutoranda no Instituto de Arquitetura e Urbanismo USP São Carlos. Atuou como professora na UEL e na Unifil, sendo colaboradora em diversos projetos de pesquisa e extensão, além de Conselheira do COMPAC - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural de Londrina.

Seu falecimento precoce representa não apenas uma lacuna irreparável para a equipe envolvida no projeto, mas também uma perda imensurável para a comunidade acadêmica, especialmente no contexto da pesquisa de Patrimônio Cultural e História de Londrina, no qual a professora Elisa era atuante e desempenhava um papel de grande protagonismo. Este impacto é ainda maior para seus amigos e familiares, os quais compartilhamos nossos sentimentos neste momento difícil. Como forma de homenagear e agradecer pelo empenho e grande gentileza, dedicamos a série “Estudos Patrimoniais” à professora Elisa Zanon. Que possamos encontrar consolo na certeza que sua influência perdurará e que ela continuará inspirando nossos trabalhos e nossas vidas.



É com imensa gratidão e orgulho que apresento este estudo técnico dedicado à Feira Livre da Av. Saul Elkind, carinhosamente conhecida como “Feira do Cincão”, um verdadeiro tesouro cultural da Zona Norte de Londrina. Este trabalho não é apenas uma análise técnica; é uma homenagem à história, à identidade cultural e ao significado social que esta feira representa para a comunidade local e para todos aqueles que têm a honra de visitá-la.

Minha ligação pessoal com os Cinco Conjuntos remonta aos dias de minha infância e adolescência, quando fui morador dessa região. Ainda hoje, meus pais ali residem, o que me proporciona uma conexão contínua e afetiva com a Feira do Cincão e tudo o que ela representa em termos de tradição, memória coletiva e laços comunitários.

As feiras livres são mais do que simples locais de comércio; são verdadeiros símbolos culturais que refletem as tradições, os costumes e os modos de vida de uma comunidade. A Feira do Cincão, em particular, é um microcosmo da riqueza cultural da Zona Norte de Londrina. Ao longo das décadas, a Feira do Cincão tornou-se um ponto de encontro, com interações sociais significativas. É aqui que as pessoas se reúnem para trocar histórias, compartilhar conhecimentos e fortalecer os laços de amizade e solidariedade que sustentam uma comunidade unida.

A importância das feiras livres como a Feira do Cincão vai além do aspecto cultural e social; elas desempenham um papel vital na preservação da identidade local e na promoção do desenvolvimento econômico sustentável. Ao valorizar os produtos locais e fomentar o comércio de pequenos empreendedores, as feiras livres contribuem para a prosperidade e o bem-estar de toda uma região.

Este estudo técnico não apenas documenta a importância da Feira do Cincão no contexto de Londrina, mas também destaca seu valor como patrimônio sociocultural a ser preservado e promovido. Desde sua origem até sua consagração como símbolo da comunidade local e da cidade, cada barraca, cada produto, cada pessoa envolvida na Feira do Cincão tem uma história a contar, uma história que merece ser ouvida e preservada para as futuras gerações.

Convido você a mergulhar nas páginas deste estudo e descobrir por si mesmo a riqueza e a complexidade da Feira do Cincão. Que

este trabalho inspire novas formas de apreciar e proteger nosso patrimônio cultural, garantindo que as feiras livres como esta continuem a ser faróis de identidade, memória e convívio comunitário em nossas cidades.

Que a Feira do Cincão e todas as feiras livres de nossa cidade continuem a prosperar como testemunhos vivos de nossa herança cultural e como espaços sagrados onde a vida comunitária floresce.

Boa leitura e que as histórias e os sabores da Feira do Cincão encantem e inspirem você, assim como encantaram e inspiraram gerações de londrinenses.

LEANDRO HENRIQUE MAGALHÃES

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	15
1 A FEIRA DO CINCÃO	21
2 A FEIRA E A HISTÓRIA DE FORMAÇÃO DOS CINCO CONJUNTOS	25
A formação dos Cinco Conjuntos Saul Elkind e Feira do Cincão	26
As transformações da Região do Cinco Conjuntos e da Feira	35
A Feira como patrimônio cultural da Zona Norte	51
3 CARACTERÍSTICAS DA FEIRA DO CINCÃO	63
A Feira e suas Feiras	69
A Feira Livre de hortifrutigranjeiros	81
A Feira do Produtor	97
A Feira de produtos novos e usados	101
Dinamismo	113
4 RELAÇÃO COM A LEI	121
5 RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA	123
REFERÊNCIAS	125
ANEXO 1	130

O bem cultural, objeto deste estudo técnico, trata-se da Feira Livre da Av. Saul Elkind Zona Norte de Londrina-PR, também conhecida como “Feira do Cincão” ou “Feira dos Cinco Conjuntos” [Fig. 1]. Iniciada entre os anos de 1982 e 1983, é considerada a maior feira de Londrina e um marco da tradição da Zona Norte da cidade.

Figura 1 – “Feira do Cincão”.



Fonte: Os autores (2023).

A Feira é formada por cerca de 11 quarteirões que se dividem em três categorias principais: feira do produtor, feira livre de hortifrutigranjeiros e feira de produtos usados e novos. Constitui em um importante local de comércio e lazer na região norte de Londrina, surgindo quase ao mesmo tempo que os conjuntos habitacionais dessa região. A Feira funciona apenas aos domingos no período da manhã e traz um forte movimento para a região, sendo frequentada por moradores da Zona Norte e moradores de outras regiões de Londrina e até de outras cidades. Seu endereço oficial está na importante Av. Saul Elkind entre a rua Lázaro José Carias de Souza e a rua Caboclinho, mas comércios paralelos prolongam o espaço da feira na continuidade da avenida, até a rua Odilon Braga e mesmo em ruas perpendiculares.

Uma vez que seu funcionamento acontece de forma temporária, ou seja, por um breve momento, o objeto de estudo se trata de um bem imaterial que, embora apresente um endereço físico, contém características principais que vão além de aspectos

materiais. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em uma convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ocorrida em 2003, propôs cinco grandes “domínios” nos quais o patrimônio cultural imaterial se manifesta:

- Tradições e expressões orais, incluindo a língua como veículo do patrimônio cultural imaterial;
- Artes cênicas;
- Práticas sociais, rituais e eventos festivos;
- Conhecimentos e práticas relativas à natureza e ao universo;
- Técnicas artesanais tradicionais.

Assim, o bem aqui apresentado, pode ser considerado como patrimônio cultural imaterial e se encaixa principalmente no domínio de “Práticas sociais, rituais e eventos festivos” em que a UNESCO define como:

[...] são atividades habituais que estruturam a vida das comunidades e dos grupos, e às quais um grande número dos seus membros está vinculado e participa. Esses elementos são importantes porque reafirmam a identidade de quem os pratica como grupo ou sociedade e, sejam praticados de forma pública ou privada, estão intimamente ligados a

acontecimentos importantes. As práticas sociais, rituais e eventos festivos podem ajudar a marcar a passagem das estações, momentos do calendário agrícola ou períodos da vida humana. Estão intimamente ligados à visão de mundo de uma comunidade e à sua percepção da sua história e memória. Estas podem variar desde pequenas reuniões até celebrações e comemorações sociais em grande escala (UNESCO, 2003).

Dessa forma, a Convenção da UNESCO favorece práticas sociais diversas que estão associadas a uma comunidade em particular e contribuem para fortalecer o senso de identidade e a continuidade com o passado (UNESCO, 2003).

Em nível nacional, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) organiza os bens imateriais registrados em Livros, tais como: Livro de Registro dos Saberes, Livro de Registro das Celebrações, Livro de Registro das Formas de Expressão, Livro de Registro dos Lugares. Neste último são inscritos mercados, feiras, santuários, praças e outros espaços nos quais as práticas culturais coletivas se concentram e se perpetuam (Januzzi et al., 2022). Desse modo, um exemplo importante de feira como patrimônio imaterial é a feira de Caruaru, que foi inscrita no Livro de Registro dos Lugares em 2006.

O dossiê do IPHAN do patrimônio imaterial da Feira de Caruaru, ao relacionar as feiras

como Lugar, explica que o conceito de Lugar se trata de um espaço geográfico que apresenta um valor simbólico por fatores ligados à formação de uma sociedade.

Lugar é o espaço que se constrói culturalmente a partir dos significados que este possui para a sociedade estudada. Lugares são, portanto, espaços geográficos que conferem sentido e possuem um valor simbólico por fatores ligados à história da sociedade, às suas origens, à sua formação. (IPHAN, 2006, p. 86).

As feiras estabelecem um lugar de múltiplas interações sociais, um espaço público, uma construção social em si, “lugar em que os indivíduos transformam-se em sujeitos capazes de exercer sua palavra, lugar que incita a interação, por meio de associações, redes de parentesco, vizinhança ou de profissionais” (Veloza; Angélica, 2007, p. 10 e 11). As feiras são espaços públicos moldados pela experiência dos próprios feirantes, adquirindo significado como um lugar de trocas que atribui um profundo senso de pertencimento a uma comunidade específica (Veloza; Angélica, 2007).

As feiras estão muitas vezes relacionadas diretamente com a formação de cidades, como “muitas cidades do Oriente e do Ocidente se originaram de feiras de mercados.” (IPHAN, 2006, p. 87). No caso da Feira do Cincão, ela não está relacionada à formação de uma cidade nova, por estar inserida em

Londrina e ser relativamente nova em relação a criação da cidade, mas a sua origem está sim diretamente relacionada à criação da região conhecida como Cinco Conjuntos, área inicialmente ocupada por conjuntos habitacionais de interesse social na Zona Norte de Londrina.

Entre alguns valores que podem estar presentes em uma feira enquanto Lugar estão: a relação com a cultura tradicional, conservar a memória de práticas socioeconômicas e culturais e rede de sociabilidade:

Seja pela permanência de elementos de nossa cultura tradicional, pela sua continuidade expressa em muitas situações; seja por conservar a memória viva de práticas socioeconômicas e culturais que fazem parte da formação de uma sociedade; seja pelas redes de sociabilidade ensejadas por essas práticas, vivenciadas na Feira e a partir da feira... (IPHAN, 2006, p. 90).

Guardadas as devidas proporções, algumas expressões de práticas socioeconômicas presentes no dossiê da Feira de Caruaru também podem ser percebidas na Feira do Cincão, tais como: Feira de Confecção Popular de Artigos de Cama, Mesa e Banho, Feira de Ervas Medicinais, Feira das Flores e Plantas Ornamentais, Feira das Ferragens, Feira das Frutas e Verduras, Mercado de Carnes (no caso da Feira do Cincão, na própria feira), Mercado da Farinha (no caso da Feira do Cincão na própria feira),

Feira de troca-troca (com comércio de produtos usados) e Feira dos Importados.

Assim como no caso estudado pelo IPHAN em Caruaru, a Feira do Cincão se constitui de diversas feiras, que juntas formam um grande espaço de sociabilidade, e de práticas econômicas. Cada uma destas feiras conformam a identidade da Feira do Cincão, permitindo trocas socioeconômicas e criando valores não apenas funcionais, mas culturais na identidade da sociedade local e regional. Para compreender melhor as características da Feira do Cincão e seus possíveis valores para Londrina, este estudo técnico se fundamenta nas informações contidas no requisito de inserção na Listagem de Bens de Interesse Patrimonial, publicações sobre a Feira em jornais, livros e outros trabalhos de pesquisa sobre o bem e levantamento *in loco*.

No requerimento da solicitação de inserção do bem como patrimônio cultural Londrinense, a Feira é intitulada como Feira Livre da Av. Saul Elkind Zona Norte e Feira do Cincão e é ressaltada a relação da Feira com a identidade da Av. Saul Elkind e da Zona Norte de Londrina, exaltando ainda o seu caráter de comércio e lazer:

Quando se fala da Saul Elkind e dos produtos vendidos nela, é impossível não se lembrar da feira livre realizada nas manhãs de domingo. É a maior e mais peculiar feira livre de Londrina, se constituiu numa possibilidade de comércio e lazer da região e

uma das principais referências quando se fala da Saul Elkind. Cheia dos mais variados produtos, cores e sabores, a feira da Saul se tornou uma das maiores tradições da Zona Norte, atraindo não apenas moradores da região, como de toda a cidade (Solicitação, [202-]).

Ainda nesta relação com a região, a Feira do Cincão traz uma marca para as manhãs de domingo na Av. Saul Elkind: “Toda semana a Avenida fervilha de gente em um vai e vem animado e de tão movimentada, a feira impõe um ritmo característico as manhãs de domingo na Avenida” (Solicitação, [202-]) e o seu surgimento está relacionado à necessidade de abastecimento dos bairros que conformam os Cinco Conjuntos:

“[...] surgiu como uma forma de suprir necessidades da população residente nos conjuntos edificadas na região, tendo como principal função abastecer esta população com produtos hortifrutigranjeiros em geral, indispensáveis à complementação da alimentação familiar.” (Solicitação, [202-]).

Sobre as funções de lazer e comércio, o requerimento fala sobre a presença de “[...] um grande movimento de pessoas em seus corredores, sendo que muitas delas estão apenas passeando enquanto outras estão adquirindo mercadorias.” (Solicitação, [202-]). Dessa forma, os usos de lazer

e comércio descritos evidenciam o valor socioeconômico da Feira do Cincão e a criação de redes de sociabilidade e de práticas sociais.

Quanto ao impacto comercial, o Solicitação [202-] ainda acrescenta que na Feira “a população comercializa de tudo: roupas, artesanato, frutas, legumes, plantas e raízes medicinais, pastéis, dentre outros. Um pouco de tudo pode ser encontrado na feira e suas imediações.” e “[...] que há também um grande número de vendedores ambulantes, que aproveitam da presença da feira e do movimento por ela gerado, para vender seus produtos diversos, e o próprio comércio da Avenida Saul Elkind e adjacências.”. Por fim, em relação ao significado da Feira do Cincão para Londrina, o Solicitação [202-] ressalta o “[...] valor para a cidade por ser a maior e mais completa feira livre, e uma das mais antigas da cidade [...]”.

É preciso destacar ainda que a Feira do Cincão, junto a várias outras feiras foram declaradas como Patrimônio Sociocultural da cidade de Londrina, pela Lei n.º 11.090, em 2010 (Londrina, 2010). Assim, o bem aqui estudado faz parte de uma experiência social e cultural reconhecida pela cidade como um importante patrimônio.

A fim de dar subsídio a Inserção na Listagem de Bens de Interesse Patrimonial e elucidar o seu valor para o município de Londrina, o estudo técnico se divide em cinco partes.

A primeira parte introduz os valores predominantes do bem como uma Feira Livre; a segunda

parte aprofunda o valor histórico do bem e sua relação com a região do Cinco Conjuntos; a terceira parte aprofunda as características físicas da feira; a quarta parte relaciona os valores da feira com a lei municipal de patrimônio e a última parte traz recomendações técnicas à proteção do bem.

A visita à Feira do Cincão é uma experiência singular. Diferente de outras feiras localizadas em Londrina, o tamanho, a diversidade, o dinamismo e o imprevisto são características que ressaltam questões ligadas a uma cultura popular manifestada de maneira democrática, a partir de uma condição tradicional de feira livre.

A feira livre é uma composição de comércio variado, geralmente sazonal, que implica em estruturas cambiantes, arquitetura espontânea, e espaços onde relações sociais dinâmicas são construídas e refletem a comunidade na qual se integram. Segundo Ana Cláudia de S. Teles Minnaert (2008. p. 130): “As feiras livres, mais que espaços de comércio, são locais que representam a dinâmica de uma sociedade em determinado momento, pois demonstram a produção local e a circulação de mercadorias”.

Esse tipo de espaço não é invenção moderna, desde a Antiguidade tem-se relatos de feiras livres, mas é com a advento do capitalismo e principalmente com a urbanização que os espaços destinados as feiras ganham as características visíveis hoje: barracas montadas enfileiradas que oferecem produtos variados, associados geralmente a produtos do campo (como legumes, verduras, frutas e grãos), junto à barracas com venda de comida, e outros produtos como artesanatos, flores etc. Além disso, o espaço tem ganhado ainda novos comerciantes de produtos novos e usados relacionados a uso cotidiano, como brinquedos, roupas, ferramentas, utensílios domésticos etc.

Inicialmente no Brasil as feiras livres tiveram uma importância singular principalmente no abastecimento de suprimentos alimentares básicos marcados por produtos hortifrutigranjeiros, muitas vezes vindo diretamente do produtor. Foi na década de 1930, no contexto das Feiras Livres de São Paulo, que o prefeito à época reorganizou “as feiras livres e abriu a comercialização de produtos não alimentícios.” (Santos, 2004, p. 15). Além do desempenho de abastecimento, as feiras apresentam uma importância singular na geração de empregos e fonte de renda. No contexto das feiras livres do Rio de Janeiro, no início dos anos 1980, “o aumento das taxas de desemprego levou a prefeitura a liberar a atuação dos camelôs” (Santos, 2004, p. 28-29). Esta ação fica mais forte em feiras de final de semana, devido a possibilidade dos trabalhadores que já tem outras funções durante a semana, ganharem uma renda extra vendendo uma gama variada de produtos na feira.

Dessa forma, a Feira Livre, além de ter funções de abastecimento, é geradora de renda e trocas comerciais, a Feira é um lugar do fazer, é um espaço de interação, e de ocupação. Materializa de forma cambiante e intermitente as características da comunidade que a gestou, e que a utiliza ainda hoje. As mudanças advindas do dinamismo próprio do tempo de percurso da Feira demonstram

que a mesma está integrada à comunidade, ao seu tempo e ao seu espaço. Contudo, ela se mostra como uma potência de subversão às regras impostas tanto pelos sistemas econômicos e políticos, como pelas experiências sociais e culturais. Não há uma instância que tenha conseguido regular toda a feira, ela não é subscrita a um único órgão municipal. Além disso, ela se abstém de enfrentamentos políticos, e permite que espaços de ideias distintas coexistam. Como feira livre, este é um espaço livre de convivência entre pessoas e práticas diversas. Segundo Larissy Barbosa Borges:

[...] as feiras são espaços repletos de conteúdos, símbolos e valores culturais que são sentidos, vivenciados e capazes de transformá-las em lugares. Elas são espaços oriundos das relações sociais e carregam testemunhos cheios de informações de tempos passados; testemunhos estes que contam histórias dos grupos (feirantes e frequentadores) que ali convivem. Essas feiras são dotadas de valores simbólicos o que lhes garante a característica de um "lugar", um espaço humanizado. Compreendemos que o lugar é um espaço cheio de significados que se reúnem na memória social do grupo que nele vive. E a memória é capaz de armazenar e registrar o "vivido" sendo que isso permite a construção das referências culturais as quais caracterizam determinados grupos sociais (Borges, 2013).

p. 15).

Michel de Certeau (2014) lembra que os lugares são controlados por estratégias, que vem de poderes regulares. A rua é um espaço urbano com regras, diretrizes e fiscalização do poder municipal. Mas, sua ocupação é permeada pelas táticas, que Certeau argumenta serem fundamentais para a apropriação dos espaços. Essas táticas, que muitas vezes extrapolam a autoridade, de maneira dinâmica e criativa, são formas de resistência. O que o autor chama de polifonia espacial é visualizado nas diversas instâncias da Feira do Cincão: espaços ocupados por barracas, lonas, expositores, pessoas cantando, performando e passeando.

Ainda que a Feira do Cincão se encaixe nessa condição de feira livre, a estrutura diversa e o público variado não permitem uma padronização da experiência e mesmo uma comparação é dificultada, pois os elementos encontrados na Feira do Cincão são muito próprios a esse espaço. Não parece ser possível compor uma linearidade sobre a Feira. Ela própria, enquanto espaço urbano, de encontro social, e de paisagem é alheia a qualquer categorização. Ainda que haja separações em relação a categorias que podem ser mais ou menos visualizadas durante a visita, essas categorias são fluidas e dinâmicas.

Diante dessa diversidade, entende-se que uma importante característica da Feira do Cincão é a heterogeneidade possibilitada

pela constante necessidade de transformação e de dinamismo que é reflexo do espaço que ocupa. Também por sua pluralidade e por sua capacidade de mutação é preciso considerar a efemeridade de uma descrição. Se em uma visita, as características aqui expostas foram visualizadas, talvez na próxima visita, em momento diferente, muitas novas experiências podem ser verificadas. A definição da Feira está atrelada a poucos elementos fixados, dos quais o mais relevante é o lugar.

Como Lugar, a Feira do Cincão cria redes de sociabilidade vivenciadas na feira. Os seus usos diversificados e mutantes de comércio e lazer, criam as redes de sociabilidade que configuram o local e criam um espaço cheio de significado, marcado na memória social da população do Cinco Conjuntos, mas também como foi evidenciado na pesquisa *in loco*, marcado também na memória social de pessoas que residem em áreas distantes da região.

Em conversa com visitantes, observou-se que estes procediam de várias localidades, como um morador da rua Lázaro José Carias Souza que demarca o início da Feira em seu cruzamento com a Avenida Saul Elkind, também moradores de bairros como o Jardim Catuaí e o Jardim Alemanha, distantes numa média de 1.9 km e 7.4 km, respectivamente, outros do Conjunto Jácomo Violin, é até um casal e seus filhos que se locomoveram de Cambé num trajeto de em torno 17,5 km até a Feira.

Corroborando para a

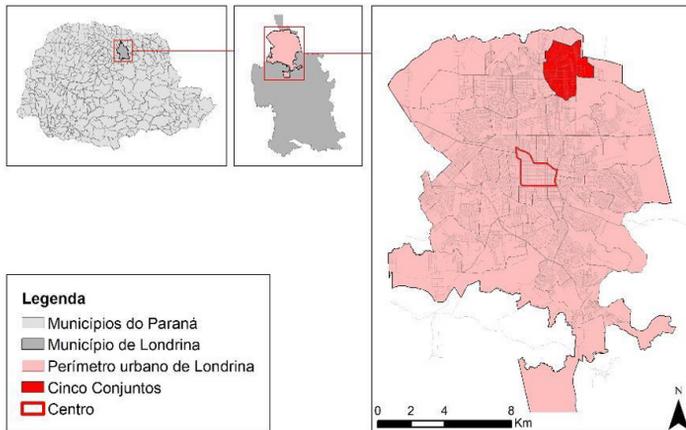
consideração da Feira do Cincão como Lugar, diversos visitantes apontaram para sua importância na criação do senso de comunidade e a interação com as pessoas. Houve aqueles que afirmaram sua importância pelo lazer e espaço de compras e de “comer pastéis”. Outros ainda evidenciaram o seu valor simbólico: a feira “é o símbolo dos Cinco Conjuntos”.

A relação com os Cinco Conjuntos evidencia ainda outro aspecto da Feira como Lugar que permite “conservar a memória viva de práticas socioeconômicas... que fazem parte da formação de uma sociedade” (IPHAN, 2006, p. 90), principalmente em relação à formação da região. A Feira do Cincão serviu de importante ponto de abastecimento para esta região que se encontrava afastada do centro inicial de Londrina. A venda de animais vivos e outros produtos hortifrutigranjeiros atualmente, retrata parcialmente esta memória viva inicial da formação local que será analisada a seguir.

2ª FEIRA E A HISTÓRIA DE FORMAÇÃO DOS CINCO CONJUNTOS

A região da cidade na qual se localiza a Feira é conhecida como “Cinco Conjuntos” [Fig. 2]. O surgimento desta região se dá a partir da segunda metade da década de 1970, decorrente em grande parte das ações da Companhia de Habitação de Londrina (COHAB-LD), criada em 1965 e instalada em 1969 como operadora do do Sistema Financeiro do Banco Nacional da Habitação (BNH). A história desta região e sua principal via — a Av. Saul Elkind — se conecta com a Feira do Cincão, visto que foi nesta avenida que a Feira se desenvolveu desde os primeiros anos da década de 1980. Para compreender a relação da Feira com o desenvolvimento da região, serão apresentados dois períodos históricos principais: os anos iniciais da formação dos Cinco Conjuntos, Av. Saul Elkind e Feira do Cincão no início da década de 1980 e as mudanças que a localidade tem sofrido até a atualidade.

Figura 2 - Mapa de localização da Cidade de Londrina-PR e a região do Cinco Conjuntos, no qual a feira está localizada.



Fonte: Sasaki et al. (2022).

A FORMAÇÃO DOS CINCO CONJUNTOS SAUL ELKIND E FEIRA DO CINCÃO

Um dos motivos para a implantação dos conjuntos habitacionais em Londrina está conectado com o contexto histórico da época. Os anos de 1970 marcou o declínio da cultura cafeeira na região – sobretudo a partir de 1975, com o episódio conhecido como “Geada Negra” –, fato que efetivou o êxodo rural das famílias que trabalhavam nas lavouras.

Daniela Moraes, pesquisadora na área de História, tem se concentrado a compreender as questões da região, e afirma que:

Formado por uma população, em sua maioria, de ex-lavradores (oriundos do processo de êxodo rural na década de 1970), os Cinco Conjuntos foram marcados como uma região dormitório de trabalhadores não especializados, além de pessoas que residiam em favelas (Silva, Moraes, Medeiros, 2016, p. 68).

Neste sentido, o momento de desenvolvimento urbano que a cidade de Londrina experienciou entre 1960 e 1980 acabou por compelir a população de baixo poder aquisitivo – que, muitas vezes, encontravam-se morando em favelas – para a periferia, onde foi então implantada a construção dos conjuntos habitacionais [Fig. 3].

Figura 3 - Mapa mostrando a implantação dos conjuntos habitacionais da zona Norte de Londrina.



Fonte: Botti (2016, p.34).

Como destacado por Silva, Moraes e Medeiros, “Os Cinco Conjuntos inserem-se, portanto, em uma resposta do poder público acerca de um problema urbano, a moradia” (2016, p. 15). Nesse sentido, a implantação de uma área de comércio como uma feira livre está de acordo com as características do espaço urbano nascente. A falta de uma estrutura urbana adequada e a ausência de planejamento do comércio e lazer, por exemplo, cria a necessidade da formação desses espaços, que acontecem de maneira mais livre.

É importante salientar que a Zona Norte da cidade não é ocupada apenas por cinco conjuntos. A denominação dada historicamente pelo poder público e reforçada pela comunidade não é oficial. Conforme apontado por Andréa Santos,

[...] a denominação 'Cinco Conjuntos' tem sido genericamente usada para toda esta área que reúne conjuntos habitacionais, loteamentos implantados pela iniciativa privada, assim como os assentamentos urbanos, favelas e núcleos (2004, p. 44).

Desta forma, Santos indica que os cinco conjuntos “originais” que deram origem ao nome são: Ruy Virmont Carnasciali, Milton Gavetti, Parigot de Souza I e II, João Paz e Semíramis B. Braga (Santos, 2004). No entanto, atualmente um grande número de outras subdivisões podem ser visualizadas [Fig. 4].

Figura 4 - Mapa da região dos Cinco Conjuntos e suas subdivisões.

ZONA NORTE

A região dos Cinco Conjuntos é composta por 24 subdivisões

- Conj. Eng. Aquiles Stenghel
- Conj. Eng. Luiz de Sá
- Conj. Eng. João Paz
- Conj. Hab. Jácomo Violin
- Conj. Hab. José Belinati
- Conj. Hab. Maria Cecilia
- Conj. Hab. Farid Libos
- Conj. Hab. Nubar Bogossian
- Conj. Hab. Sebastião de Melo César
- Conj. Hab. Semiramis de Barros Braga
- Jardim Aliança
- Jardim Belém
- Jardim Campos Verdes
- Jardim Catuai
- Jardim Dom Vicente
- Jardim dos Campos
- Jardim Itaparica
- Jardim Itapoá
- Jardim Novo Horizonte I
- Jardim Novo Horizonte II
- Jardim Primavera
- Jardim Santa Cruz
- Loteamento Strass
- Residencial Quadra Norte



Fonte: Prefeitura Municipal de Londrina

Fotha Arte

Fonte: Prefeitura Municipal de Londrina *apud* Ogawa (2018).

Embora a construção dos conjuntos habitacionais tenha se iniciado na gestão de Dalton Fonseca Paranaguá (1969-1973) com a atuação da COHAB-LD, foi na gestão de Antônio Casemiro Belinati (1977-1982) que o projeto se desenvolveu intensamente. Fala-se de “[...] 17.464 unidades, alocadas em 26 conjuntos de moradias populares [...]” (Silvam Moraes e Medeiros, 2016, p. 65).

Foi também na gestão do prefeito Antônio Belinati que a avenida ganhou um nome, a partir do Decreto n.º 35, de 03 de fevereiro de 1981:

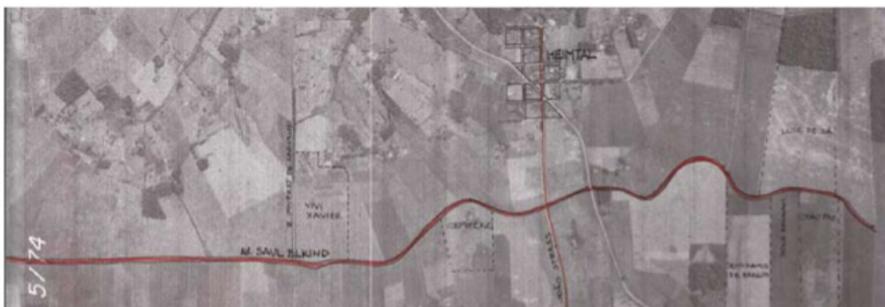
Passa a denominar-se Avenida Saul Elkind a via pública que dá acesso aos conjuntos habitacionais, dentro das seguintes delimitações: Inicia na antiga estrada Londrina – Warta, junto à quadra 14 do Conjunto Habitacional Sebastião de Melo Cesar, segue na direção leste-oeste margeando os conjuntos Vivi Xavier, Parigot de Souza II e Newton Guimarães, do lado direito, tendo do lado esquerdo, o Jardim dos

Estados e o Conjunto Parigot de Souza I. 7 (Prefeitura de Londrina – Estado do Paraná. Decreto N° 035, de 03 de fevereiro de 1981 apud Silva, Moraes e Medeiros, 2016, p.14).

O homenageado, Saul Elkind, foi um ucraniano que sequer conheceu Londrina, mas seu filho David Elkind, quando diretor do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER) manteve contato com o prefeito, o mesmo considerou dar o nome do pai de David à avenida como uma demonstração de amizade (Silva, Moraes e Medeiros, 2016). Ela também é conhecida apenas como “Saul”, apelido carinhoso dado pelos moradores que simplifica o nome da avenida.

O início da avenida está relacionada a uma estrada preexistente que “foi projetada seguindo as condicionantes topográficas.” (Botti, 2016, p. 32) e tem seu traçado inicial sinuoso fruto de um planejamento da década de 1930 pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) (Cesário, Oliveira, Yoshimoto, 2016). A estrada rural acompanhava o espigão entre os ribeirões Jacutinga e Lindóia e unia glebas rurais à cidade, como o Heimtal [Fig. 5].

Figura 5 - Recorte da Aerofoto de 1974.



Fonte: IPPUL apud Botti (2016. p. 32).

O surgimento da via é anterior a data do decreto, com algumas partes da avenida entregues junto aos conjuntos habitacionais e pavimentada no ano de 1979. Inicialmente com dimensões reduzidas, a avenida foi se desenvolvendo sentido leste-oeste chegando à grande dimensão que tem hoje (Botti, 2016). Na imagem a seguir [Fig. 6] é possível ver a data em que cada trecho da av. Saul Elkind foi construído .

Embora realizada a partir de um traçado rural anterior, a Av. Saul Elkind foi projetada como uma via estrutural, e segundo Botti (2016, p.35) “[...] sua concepção está calcada na primazia do veículo motorizado. Este modelo de avenida com canteiro central e caixa de rolagem larga (a avenida tem uma largura de 30 metros de alinhamento predial a alinhamento predial)”. Além disso, por estar localizada em um espigão com densidade relativamente baixa dos lotes frontais à Av. Saul Elkind, é possível em alguns pontos descortinar a paisagem do centro histórico de Londrina com seus edifícios verticais (sul) [Fig. 7] e do lado oposto (norte) as lavouras. Em sentido leste - oeste, há uma densidade menor na direção que se desenvolveu a ocupação da região (oeste), o qual somado a algumas diagonais remanescentes do traçado original dos lotes rurais permitem potencializar estes visuais da paisagem circundante.

Figura 7 - Exemplo da Paisagem do centro da cidade.



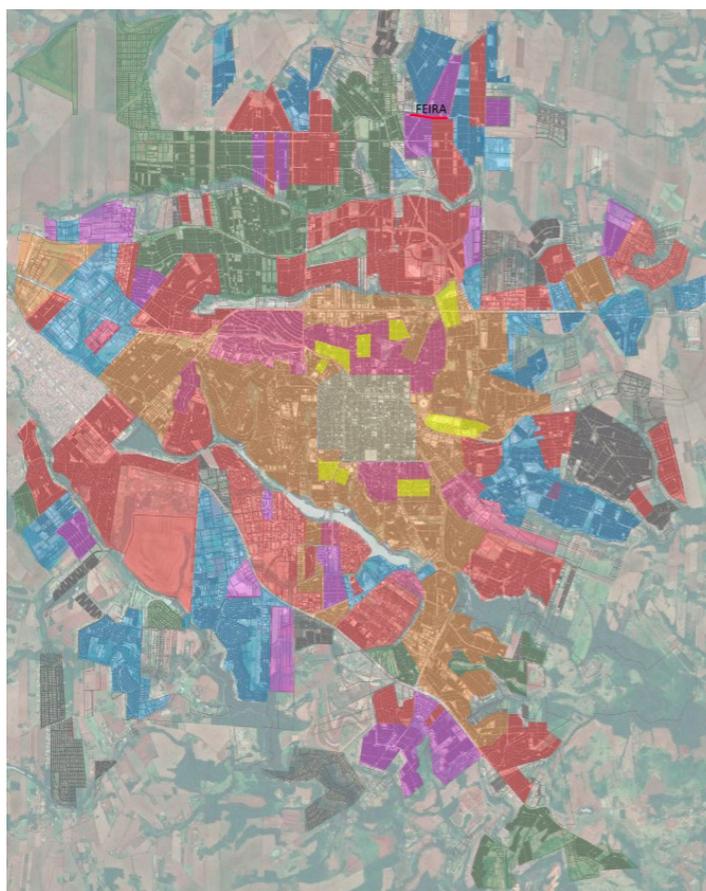
Fonte: Botti (2016, p. 36).

Atualmente, segundo a reportagem da Folha de Londrina (2023), a Saul é a avenida mais extensa da cidade, com cerca de 8,5 km, cortando a região dos Cinco Conjuntos e o bairro Vista Bela. Trata-se de uma via estruturante, que corta a Zona Norte de Londrina no sentido Leste-Oeste. Sua grande extensão foi fundamental para se criar um eixo de desenvolvimento econômico na região, e devido a grande distância do centro inicial da cidade, permitiu criar uma nova centralidade, transformando Londrina em uma cidade policêntrica.

A criação de um novo centro marcado pela Av. Saul Elkind na Zona Norte

da cidade pode ser evidenciada na Figura 8, na qual nota-se que a Zona Norte de Londrina se desenvolveu em especial durante as décadas de 1970, 1980, 1990 e 2000. Porém, é válido mencionar que o espaço onde ocorre a feira foi ocupado durante as décadas de 1970 e 1980, tornando-se uma região isolada das demais áreas da cidade, repleta de vazios urbanos ao seu redor, inicialmente.

Figura 8 – Mapa de Evolução Urbana de Londrina x Feira do Cincão.



EVOLUÇÃO URBANA DE LONDRINA

ESCALA 1:75000

EVOLUÇÃO URBANA POR DÉCADA:

1950	1960	1990
1970	1980	2000
1950	1980	2010



0 500 1000 1500 2000 2500 m

Fonte: Os autores (2023), com base nas informações do IPPUL.

Este contexto, marcado por vazios urbanos, distante do centro inicial de Londrina, com poucos recursos de infraestrutura urbana e principalmente transporte que facilitasse a comunicação com a região central, fez com que a Av. Saul Elkind tivesse como ponto de partida um comércio visando suprir a carência de produtos que a região possuía. A autora Talita Sauer Medeiros (2016), aponta como teria sido o desenvolvimento comercial na Avenida Saul Elkind, no seu início com pequenos comércios em frente as casas e quintais, com usos variados que atendiam gêneros de primeira necessidade:

Trata-se de estabelecimentos de propriedade de moradores locais destinada à venda de gêneros de primeira necessidade, pequenos comércios de frente de casa ou nos quintais que atendiam as demandas dos que residiam em seu entorno. Chaveiros, bares, mercearias, casas de construção, dentre outros, supriam as necessidades imediatas da população que sofria uma baixa mobilidade em virtude da dificuldade de transporte (Medeiros, 2016, p. 47).

A situação precária inicial de desenvolvimento da região pode ser confirmada em um relato de um morador em reportagem do jornal Folha de Londrina: “[...] como foi difícil residir num lugar sem hospital, sem farmácia, com dois postos de saúde, sem comércio, sem telefone, poucas escolas e, ligados à cidade onde quase todos trabalham por um insuficiente transporte coletivo:

um verdadeiro inferno.” (Theodoro, 1989b, p. 13). O morador ainda acrescenta nomes pejorativos na representação dos Cinco Conjunto naquele momento inicial de muita dificuldade: “Era o tempo do “Cinco Cão Junto”, do “Cinco Capeta” (Theodoro, 1989b, p. 13).

A reportagem ainda evidencia como “exilados a quase dez quilômetros do centro da cidade com precária infraestrutura urbana: deserdados pelo poder público e humilhados pelos moradores da Londrina central, não tiveram outra alternativa do que buscar na ajuda mútua o socorro para as suas dificuldades” (Theodoro, 1989b, p. 13). Esta solidariedade fica evidente na história narrada de generosidade do único vizinho que tinha veículo na rua, a levar os doentes que precisassem de apoio no período noturno para a área central da cidade.

A precariedade da situação inicial em que viveram os moradores da região do Cinco Conjuntos está diretamente relacionada à distância do centro com grandes vazios e por se tratarem de conjuntos habitacionais, levando à grande preconceito pela população londrinense. Segundo Santos (2004), duas grandes razões motivam preconceitos à população dos Cinco Conjuntos: primeiro por morarem em casas de conjunto, mas também pelos bairros estarem muito longe do centro. Claudia Lima Esteves Alves ainda destaca que os conjuntos: “foram construídos muito distante do centro da cidade numa área de uso eminentemente agrícola, deficitária em todos os

serviços urbanos” (Alves, 1991, p. 105).

Como se trata de relatos informais de alguns pioneiros da região do Cinco Conjunto não fica claro se este início com condições difíceis se trata apenas do final da década de 1970 ou se manteve também nos anos iniciais de 1980. O que se sabe é que no início da década de 1980 foi criado o hospital Dr. Anísio Figueiredo, com atendimento rudimentar, em 1981 a avenida principal da região é denominada de Saul Elkind e dá-se início a Feira do Cincão entre os anos de 1982 e 1983.

É importante salientar que o surgimento da Feira do Cincão está diretamente relacionado à demanda de abastecimento da região e da Av. Saul Elkind. Segundo Santos:

Com o crescimento e o desenvolvimento da Região dos Cinco Conjuntos, juntamente com a ascensão da Avenida Saul Elkind como um importante local de circulação de mercadorias e reprodução do capital, surgiu, logo após a construção dos conjuntos habitacionais, uma feira livre de grande importância para o abastecimento da população da região (Santos, 2004, p. 56).

Embora já existissem alguns comércios, principalmente na região da Av. Saul Elkind como “lojas de artesanato, bares, depósitos de materiais de construção, chaveiros, mercearias, etc” (Santos, 2004, p. 50), no início da década de

1980 existiam poucos comércios voltados a venda de produtos hortifrutigranjeiros. Por isso, a Feira Livre do Cincão “[...] surgiu como uma forma de suprir necessidades da população residente nos conjuntos habitacionais que eram edificados na região, tendo como principal função abastecer esta população com produtos hortifrutigranjeiros em geral [...]” (Santos, 2004, p. 57).

Em relação a data de início da Feira do Cincão, segundo Santos (2004, p. 57) “[...] com base em alguns Alvarás de licença de feirantes para comercializarem na feira, entendeu-se que a mesma teve sua gênese na Avenida Saul Elkind entre os anos de 1982 e 1983”. A data do início da década de 1980 também foi confirmada por alguns feirantes e usuários na visita *in loco* realizada para este estudo em setembro de 2023, sem no entanto precisar uma data exata.

Santos (2004) ainda aborda que entrevistas realizadas no ano de 2003 com feirantes antigos evidenciaram a possibilidade de a feira ter seu início nos arredores da Av. Saul Elkind e não apenas nesta avenida, e ter se firmado no endereço atual, segundo um feirante, apenas em meados de 1987. Segundo a autora, um feirante argumentou que o início da feira era na Rua Maria Sinópolis Francovig, esquina com Av. Saul Elkind e outro comerciante falou do início próximo à Rua Maria Sinópolis Francovig e Rua Lázaro José Carias de Souza. Santos (2004, p. 58) conclui que “[...] todos estes pontos citados pelos feirantes estão na verdade

onde inicia-se a feira atualmente, na rua Lázaro José Carias de Souza, sendo que apenas a Rua Maria Sinópolis Francovig dista-se apenas um quarteirão da mesma”.

Tal informação sobre a possibilidade de a Feira ter se iniciado em outras regiões e depois se firmado na Av. Saul Elkind não foi confirmada nas entrevistas informais locais realizadas em setembro de 2023, que disseram que a existência da Feira sempre ter sido na Av. Saul Elkind. No entanto, considerando a proximidade das ruas com a localização atual, este assunto poderia ser melhor estudado em pesquisas futuras de maneira mais aprofundada, mas de qualquer forma, tal fato não desmerece a relação forte da Feira do Cincão com a Av. Saul Elkind e seu “centro comercial”.

As entrevistas realizadas por Santos (2004) também revelaram que, no início, a Feira

era bem pequena, formada por cerca de 3 quarteirões com poucas barracas; na extremidade leste da Feira na Av. Saul Elkind, ao lado da Rua Lázaro José Carias de Souza, o seu uso era voltado para a venda apenas de produtos hortifrutigranjeiros. No entanto, na década de 1990 a Feira passou por uma série de transformações, assim como a região do Cinco Conjuntos.

AS TRANSFORMAÇÕES DA REGIÃO DO CINCO CONJUNTOS E DA FEIRA

O final da década de 1980 mostra uma forte mudança em relação aos anos iniciais de formação da região

dos Cinco Conjuntos que passou por uma vasta ampliação espacial e estrutural ao longo dos anos, mudanças essas que, de acordo com a autora Talita Sauer Medeiros (2016), proporcionaram também a expansão da Avenida Saul Elkind e dos conjuntos habitacionais ao seu redor.

Devido ao notável crescimento experimentado durante o mandato de Antônio Belinati como prefeito, estabeleceu-se uma conexão significativa entre o ex-prefeito e a região dos Cinco Conjuntos. Essa relação foi destacada em uma reportagem do Jornal Folha de Londrina, datada de janeiro de 1989 (Theodoro, 1989d), que enumerava diversos apelidos atribuídos aos Cinco Conjuntos, sendo um deles especialmente notório: “Fazenda do Belinati”. Esse apelido enfatiza a forte associação entre a figura de Belinati e a região. Durante os períodos eleitorais na cidade de Londrina, os Cinco Conjuntos conquistaram notoriedade devido ao seu papel fundamental na virada dos resultados das eleições para prefeito [Fig. 9]. A zona eleitoral da região norte, compreendendo os Cinco Conjuntos, exerceu e continua a exercer um peso substancial nas eleições municipais da cidade.

Conforme escreve Moraes (2016, p. 69), os Cinco Conjuntos, historicamente associados a desafios socioeconômicos, transformaram-se em um campo fértil para disputas políticas. Nesse contexto, tornou-se evidente a apropriação dessa região como capital político. Dado seu substancial contingente populacional, sua

influência na capacidade de eleger candidatos chamou a atenção em vários momentos da vida política de Londrina.

Figura 9 – Folha de Londrina (Virando a mesa) – 08/01/1989.

“Alô! É o Belinati? Aqui é o Zé Tavares. Então, não vai cumprimentar o novo prefeito de Londrina?” Uma das muitas piadas que inventaram no Cinco Conjuntos, depois de conhecido o resultado das eleições municipais, conta que José Tavares, já seguro da vitória, fez essa ligação para Antonio Belinati, às 6 horas da tarde do dia 16 de novembro de 1988. A diferença a favor de Tavares, naquele momento, era de mais de 13 mil votos.

A anedota diz que Belinati não deu importância e retrucou, com confiança: “Calma, Zé! É melhor você apertar a barrigueira do arreiro que nós vamos começar a subida para o Cinco Conjuntos daqui a pouco”. Claro que tal telefonema nunca existiu. Mas nem José Tavares, nem o restante da cúpula peemedebista e nenhum outro morador do centro da cidade duvidavam mais da vitória do candidato do PMDB. No fim da noite e início da madrugada de 17 de novembro começou a virada, que levou Belinati de volta à Prefeitura de Londrina, com quase 800 votos à frente de Tavares.

“Acorda, Zé! Vem cá ouvir homem de Deus! Sô falta mil votos para o Belinati passar o Tavares” — era a mulher do pasteleiro José Miguel Santana, da porta do quarto, acordando alegremente o marido para acompanhar o final da apuração. “Não é possível, mulher! Você está querendo me en-

Virando a mesa
Apelo Theodoro

Os conjuntos nunca vão esquecer o dia em que viraram a mesa da eleição municipal



17 de novembro, Belinati comemora sua vitória. A festa nas ruas varou a madrugada

ganhar” — duvidou o pasteleiro, que tinha ido dormir emburrado não mais acreditando numa virada. Mas a voz inconfundível de Ricardo Spinoza e J.B. Faria na Rádio Paiquerê confirmava as palavras da patroa. José arregalou os olhos, botou mais atenção na fala do rádio e os moradores do Cinco Conjuntos nunca mais vão se esquecer das eleições de 1988 e daquela madrugada de 17 de novembro, quando amanheceram cantando e dando a volta por cima de quem os considerava cidadãos de segunda categoria: Foi o “dia em que o Cincão virou a mesa”.

E enquanto a Londrina central lançava frases e olhares não muito amistosos para o norte, na Avenida Saul Elkind, coração do Cinco Conjuntos, milhares de pessoas explodiram de alegria, felicidade nunca vista nestes 10 anos de vida no lugar.

“Os votos que faltavam para o Belinati vieram de lá. E quem votou, sabe da força que tem, está assumido” — avaliava um antigo morador de lá, o jornalista Marcelo Holanda.

A cidade, finalmente, descobriu que o Cinco Conjuntos não só existe como é povoado por pessoas que podem, num momento de convergência coletiva em direção a uma causa comum, mudar os rumos políticos da terceira maior cidade do Sul do Brasil. “Demos risada do povo da cidade, que diz que não sabemos votar. Este povo da cidade não tem jeito: no tempo da Arena, quando a gente votava no MDB, eles diziam: ‘Foi este povinho ignorante do Cinco Conjuntos...’ Agora é o pessoal do PMDB quem diz: ‘Foi o povinho ignorante dos Cinco Conjuntos que elegeu o Belinati’. Eles dizem que não sabemos votar, porque votamos no Belinati. É sempre assim. O Cincão virou a mesa” — diz o morador Luís Carlos de Almeida. É verdade que Belinati recebeu votos de todas as áreas da cidade (incluindo muitos do aristocrático Jardim Quebec e da UDR), mas sem a votação dos Conjuntos ele não teria sido eleito.

Fonte: Theodoro (1989d). Acervo NDPH-UEL.

A região dos Cinco Conjuntos, por muito tempo, foi estigmatizada devido à percepção de precariedade social que a envolvia. Essa estigmatização — que persiste até hoje — foi perpetuada por alguns residentes de outras áreas da cidade que se referem pejorativamente a ela como os “cinco capetas” ou até mesmo “galinheiro”.

Na reportagem do dia 8 de janeiro de 1989, no jornal Folha de Londrina, que discute alguns dos apelidos atribuídos aos Cinco Conjuntos, o jornalista encarregado da matéria descreveu a reação da comunidade em relação a esses apelidos da seguinte maneira:

Embora os moradores não gostassem, não reagiam com raiva. Mas no dia em que o candidato a vereador pelo PMDB, José Maurício da Costa, num infeliz discurso de campanha, comparou os Cinco Conjuntos a um chiqueiro de porco, a porca torceu o rabo. A partir daí, os comícios do

candidato José Tavares, na região norte de Londrina, passaram a ser frequentados por incômodos visitantes. (Theodoro, 1989d).

A notoriedade do papel do Cincão na virada dos resultados nas eleições levou a uma série de reportagens realizadas na Folha de Londrina pelo jornalista Apolo Theodoro no início de 1989 [Fig. 10], evidenciando diversas mudanças que a região do Cinco Conjuntos passou e seu estado alcançado, agora satisfatório, para seus moradores.

Famílias sentadas à frente das casas na hora do descanso, crianças brincando, rodinhas de truço embaixo das árvores, num jogo de vizinhança, com gritos de camaradagem pra todo lado. Numa caminhada pelas ruas dos Cinco Conjuntos, conversando aqui e ali, entrando numa casa, se intrometendo numa roda de conversa, sentando numa mesa de boteco, não há como deixar de perceber: ali, salvo um ou outro, os vizinhos se respeitam, parecem adorar o lugar que moram e, sem exagero, alguns dizem que não querem outra vida no mundo. Gostam tanto de lá que não hesitam em afirmar: voltar pra cidade, nunca mais! (Theodoro, 1989b).

Entre as mudanças do cenário da região se evidencia agora a presença de uma série de equipamentos “O cenário é o mesmo de uma cidade: tem farmácia, médico, ônibus, dentista, supermercado, delegacia, crianças nas ruas, conversas de vizinhos, escola, posto de gasolina, correio e até banco.” (Theodoro, 1989c). Também é evidenciado nas reportagens a presença marcante da região como “praticamente uma outra cidade” com grandes potenciais.

Neste sentido, na matéria intitulada “**Olho no Futuro**”, de 05 de janeiro daquele ano [Fig. 11], um dos moradores do Cinco Conjuntos e gerente de um supermercado na região afirmou que a Zona Norte teria potencial para comportar um supermercado maior com o “padrão da cidade”:

Vendendo quase só a cesta básica e trabalhando com somente 60 por cento das mercadorias existentes noutros similares do centro da cidade, Antônio, que antes de ir para o Aquiles Stenghel, onde está há um ano e meio, gerenciava outro mercado da rede Viscardi no Conjunto João Paz, acredita que “um mercado aqui, com os mesmos padrões da cidade, teria condições de vendas iguais lá (Theodoro, 1989c, p. 13).

Pode-se observar que apesar do desenvolvimento da estrutura urbana na região e do comércio, a região da Zona Norte ainda estava no início do seu desenvolvimento e seus usuários afirmavam que podia ser ampliado ainda mais os seus serviços, comparando seu quantitativo com setores do centro da cidade. Ponto que é reiterado nesta mesma matéria ao se referir aos serviços bancários na região Norte.

'[...] Aqui tem potencial para receber uma agência bancária. É que tem muito comerciante, ainda, que trabalha com agências do centro. Se todos fizessem seus depósitos e aplicações aqui, nosso Posto poderia ser comparado a uma agência central', acredita Ercílio José de Alencar, gerente do Posto de Atendimento Bancário do Banestado, instalado há três meses nos Cinco Conjuntos. (Theodoro, 1989c, p. 13).

A Av. Saul Elkind também é alvo das reportagens mostrando sua importância comercial e de lazer para a região. Na matéria do dia 7 de janeiro de 1989, intitulada **“A Higienópolis dos Pobres”** [Fig. 12], o jornalista apresenta a vida noturna na Av. Saul Elkind, assim como demonstra o preconceito enraizado para com a região Norte de Londrina e seus moradores. No trecho inicial o jornalista apresenta:

O comércio diurno da Avenida Saul Elkind, no coração dos Cinco Conjuntos, está chegando

ao fim. De agora para frente, quando as luzes do dia se apagam, um outro comércio começa a brilhar.

Um novo visual vai emergir no meio daquelas milhares de casas populares. Jovens de todas as idades, moradores dos conjuntos habitacionais e de outras partes da grande Londrina, vão encher a avenida de gente em busca de diversão. São eles que transformam a Saul Elkind na *Higienópolis dos Pobres*.

O jovem Dorival Gomes, 23 anos, mora no Jardim Novo Bandeirantes, em Cambé. Todos os finais de semana ele atravessa a cidade inteira para curtir a noite dos Cinco Conjuntos. Os motivos desta verdadeira viagem que muitos jovens, como Dorival, fazem das periferias de Londrina para o norte da cidade, são vários: em primeiro lugar, porque 'com certeza não tem um local na cidade tão divertido como esta avenida' – garante Dorival. Em segundo, 'aqui a gente fica mais à vontade. Lá na Higienópolis do centro é só burguesia'. E, por último, acrescenta o açougueiro Orlando Soares Proença: 'Não é por falar não, mas a nossa avenida, aqui, já dá show na Higienópolis do Centro' (Theodoro, 1989a, p. 11, grifo nosso).



CONJUNTOS III

A saqueada de Orlando Soares... Projeção, trabalhadores voluntários... Do prédio casa construída um mês de carne - acim, cozinheira. É posto de leite, maldade de bife e feijão, carne maldade - para a noite. É posto de leite, maldade de bife e feijão, carne maldade - para a noite. É posto de leite, maldade de bife e feijão, carne maldade - para a noite.



O final de semana agita a Avenida Saul Elkind... Um bando de gente que vem de longe... para fazer um jantar em um posto de carne de vaca.



PARTICIPAR da Mortaria do MECA... NA ENTREGA de 500 VOTES... O CONCERTO de VOZES... NOVEU TRAJAZ MAS OTRA

A Higienópolis dos pobres

Vaqueiros do astallo domam um touro mecânico, casais namoram nos carros, a PM vive de bronca com os motoqueiros. Os preças são quase os mesmos que os da Avenida Higienópolis, mas ninguém reclama: uma multidão de moradores dos bairros (e também do centro) de Londrina se abala todo o final de semana até os Cinco Conjuntos para virar a madrugada nas mesas, agitas e programas da Avenida Saul Elkind, a Higienópolis dos Pobres

Não é possível a gente que frequenta a Higienópolis dos Pobres. "Até uma Mercedes lá encostou aqui", orgulha-se Genivalda Chiquet, 42 anos, que diz não ter nada de cidade aqui. "O que dá de não da cidade aqui...".

Além de chegar um papo. Há só ali dois palcos... de ação de linchamento. Alvo: Ezequiel Saggi, que em fevereiro de 1988 comprou sua parte no sociedade por 1 milhão de cruzeiros, grande que se ajeite e hoje vende por 4,5 milhões. "O movimento de agito aqui é da Avenida da Higienópolis multi gente na rua, trânsito congestionado...".

sempre tem pra valer... ponto de vista preferido". Quando a vitória chega, o presidente Elkind, aponta uma diferença no tratamento da pista de estacionamento e tem, também, o fazalado de serviços se place" - informa o cabo comandante da Polícia Militar.

"E mais fácil sair de casa... São mais ou menos 10 horas de trânsito... e a noite e linchamento é o cotidiano de gente pobre de amigos, casais de namorados...".

Uma vitória política encosta em frente... Um touro mecânico encosta em frente... Um touro mecânico encosta em frente... Um touro mecânico encosta em frente...

uma outra socialização entre os motoqueiros e motoqueiros, das duas avenidas é apontado pelo chefe... "Depende do local, aqui eu li, a poucos aborrecido não aceita a impressão de que vai ter seu veículo re-

Quando a gente morou na Vila... Quando a gente morou na Vila... Quando a gente morou na Vila... Quando a gente morou na Vila...

Aberto à cultura

"Inibitória" - pedem os inibidores pedem... "Mas não pedem" - explica ao usuário... "Mas não pedem" - explica ao usuário... "Mas não pedem" - explica ao usuário...



"No sábado que 90% da cidade... "No sábado que 90% da cidade... "No sábado que 90% da cidade... "No sábado que 90% da cidade..."

"O clube social do Maria... "O clube social do Maria... "O clube social do Maria... "O clube social do Maria..."

"O clube social do Maria... "O clube social do Maria... "O clube social do Maria... "O clube social do Maria..."

"O clube social do Maria... "O clube social do Maria... "O clube social do Maria... "O clube social do Maria..."

Fonte: Theodoro (1989a). Acervo NDPH-UEL.

O crescimento do comércio na região junto à valorização dos bairros próximos à Av. Saul Elkind, levou à uma procura acentuada por áreas de locação comercial e residencial, como relatado por um corretor de imóveis, na reportagem do dia 5 de janeiro de 1989.

O aluguel residencial – e já tem muita gente especulando por lá – mais barato está por volta de 10 mil cruzados, mas muitos pagam de 25 a 30 mil cruzados para morar nas melhores casas. Uma porta comercial na Avenida Saul Elkind, não se acha por menos de 35 a 40 mil, por mês. Para duas portas o aluguel sobe para 10, 80 mil cruzados. 'Aqui está assim: corre do leão, chega lá na frente a onça pega', brinca o corretor de Imóveis Sebastião de Oliveira, se referindo aos altos preços dos aluguéis dos Cinco Conjuntos. 'O estouro aconteceu de um ano para cá. E se tivesse portas ou casas para alugar, a gente alugaria 20 por dia (Theodoro, 1989c, p. 13).

Junto com as mudanças de infraestrutura e grande crescimento que a região dos Cinco Conjuntos e a Av. Saul Elkind passou, fica evidente numa das matérias a importância da manutenção dos hábitos locais como a presença da feira:

Mas não é só isso: a região do Cinco Conjuntos tem seus hábitos e seu jeito próprios. José Rodrigues enche a boca outra vez:

- Domingo de manhã tem feirão, a Saul Elkind fica entupida de gente. Lá vejo o povo, encontro os amigos, tomo uma cachaça, e compro alguma coisa pra casa- ele vai falando" (Theodoro, 1989c).

Assim como a Região dos Cinco Conjuntos, a Feira ampliou bastante a sua extensão, de apenas três quarteirões iniciais, a Feira cresceu no sentido leste-oeste, assim como a expansão da Av. Saul Elkind [Fig. 13] e o seu uso inicial de venda de produtos hortifrutigranjeiros em meados da década de 1990 ampliou com a feira do produtor e os "camelôs" (Santos, 2004).

Em relação à estrutura da feira quando a mesma começou, segundo o senhor Álvaro Silva dos Santos, a feira "tinha poucas barracas, dava para contar no dedo, não tinha camelôs nem feira do produtor". Sem dúvida, inicialmente a feira era pequena e a presença de camelô e da feira do produtor é bastante recente, datando de meados da década de 1990. (Santos, 2004, p. 59)

O crescimento da Feira e de comércios na Av. Saul Elkind que vendem produtos hortifrutigranjeiros fez com que o movimento na parte inicial da Feira que comercializava esses produtos diminuísse e por outro lado crescesse a variedade de produtos vendidos.

O comerciante Isael Tobias de Moraes, proprietário

da Relojoaria Relokind também ressaltou que “a feira era só de hortifrutigranjeiros, eram poucas barracas, em torno de 3 quarteirões e o movimento era bom, tinha poucos sacolões”. Nesta argumentação o comerciante deixa explícita a questão da concorrência dos sacolões e supermercados com a feira. Há 20 anos atrás o movimento da feira em termos de circulação de dinheiro era maior que os dias atuais, pois era reduzida a presença de sacolões e também não existia o Supermercado Super Muffato com sua qualificada feira, cujos preços também são acessíveis à população. (Santos, 2004, p. 59)

Figura 13 – Localização da Av. Saul Elkind.



Fonte: Os autores (2023).

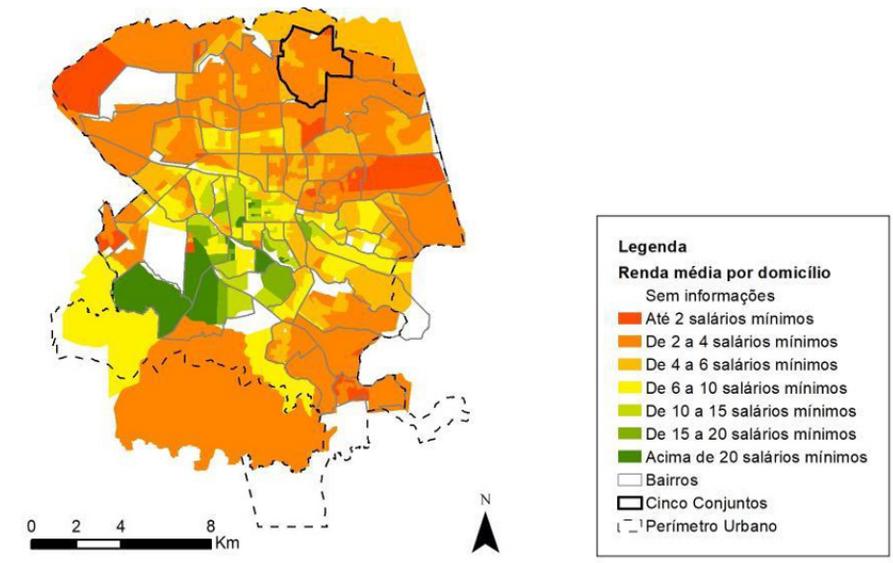
As dificuldades enfrentadas pela população que vivia nos Cinco Conjuntos, tais como a falta de abastecimento de água encanada e problemas de transporte, contribuíram para a construção de uma imagem periférica. Isso gerou preconceitos de várias naturezas, prejudicando ainda mais a percepção sobre essa comunidade.

Assim, o preconceito atrelado à região esteve vinculado a fatores socioeconômicos, advindos desde sua formação como conjuntos habitacionais destinados às populações em situação de vulnerabilidade. A crescente valorização da cultura popular trouxe novas discussões. Dentre elas a valorização da Feira como um espaço de sociabilidade e lazer que agrega não apenas os moradores, mas também convida outros londrinenses a conhecer o lugar, e a compreender mais sobre a região.

No último levantamento do IBGE, em 2010 [Fig. 14], a área continuava a ser caracterizada como um local onde predominam famílias de renda mais baixa, visto que, de acordo com o levantamento, a renda média por domicílio no bairro Cinco Conjuntos estava principalmente na faixa de 2 a 4 salários

mínimos (conforme representado por Sasaki et al., 2022 na Figura 14), sendo considerada uma renda baixa em comparação com outras áreas da cidade de Londrina.

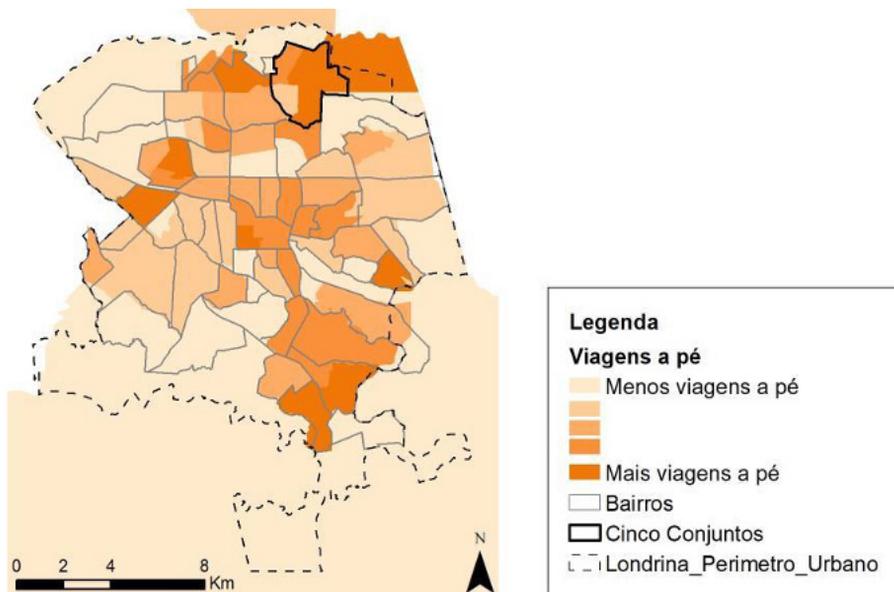
Figura 14 - Mapa de renda - Cinco Conjuntos.



Fonte: IBGE (2010) elaborado por Sasaki et al. (2022).

Além disso, segundo os dados do Plano de Mobilidade (IPPUL, 2019 *apud* Sasaki et al., 2022), os Cinco Conjuntos inclui setores censitários com um alto número absoluto de viagens realizadas a pé (Sasaki et al., 2022). Possivelmente, a Feira que acontece dentro dessa área, tenha influenciado a quantidade de deslocamentos, visto que gera grande atração do público local e estimula a mobilidade a pé [Fig.15].

Figura 15 -Mapa de viagens a pé - Cinco Conjuntos.



Fonte: IPPUL (2019), elaborado por Sasaki *et al.* (2022).

Por outro lado, o interesse imobiliário nas proximidades da Av. Saul Elkind não cessou em 1989, e a valorização exponencial da avenida também foi destaque em uma matéria do Jornal de Londrina em 2008 [Fig.16], que teve como manchete “Metro quadrado na Saul Elkind é um dos mais caros da cidade”. A jornalista Glória Galembeck, afirmou que:

Um trecho de cerca de três quilômetros na avenida de oito quilômetros tornou-se um dos pontos mais valorizados da cidade. Um terreno na área mais disputada desse “centro nervoso” chega a custar R\$ 1,2 mil o metro quadrado. Para se ter idéia, o metro quadrado da recém-concluída avenida Ayrton Senna, na Gleba Palhano (zona sul), custa em torno de R\$ 720 e na Rua Mato Grosso (centro), entre as ruas Borba Gato e Paes Leme, R\$ 447 (Galembeck, 2008, p. 4).

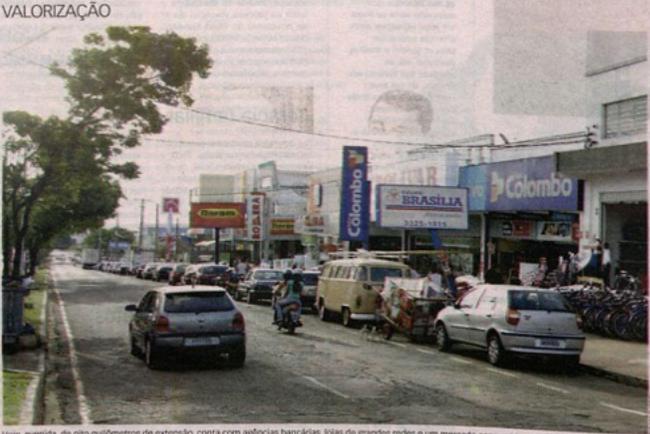
Figura 16 – Jornal de Londrina (Metro quadrado na Saul Elkind).

segunda-feira, 12 de outubro de 2008 **JORNAL DE LONDRINA** | 4

geral

Adote
Os gatinhos da foto foram recolhidos da rua e precisam de um lar. Quem quiser adotá-los deve ligar para 3327-4549 ou 8406-1751.

VALORIZAÇÃO



Shopping deve ser inaugurado este mês
Atualmente estão em construção na avenida Saul Elkind a loja atacadista Maxx, da rede Vici Mart, e o Planet Shopping, que terá 172 lojas e tem inauguração marcada para o dia 30 deste mês. Caio Rogo, gerente comercial da Construtora Metacorn, responsável pela construção do Planet Shopping, explicou que o desenvolvimento foi puxado pela concentração populacional da zona norte. A justificativa do Vici Mart para a escolha do local é a presença de revendedores, como mercadinhos, e transformadores como lanchonetes – foram investidos R\$ 40 milhões. Outro empreendimento de porte que está sendo construído na região norte, a cerca de cinco quilômetros da Avenida Saul Elkind, é o que se beneficia das melhorias na rodovia Carlos João Strass é o Londrina Norte Shopping. O empreendimento é do Grupo Catual, terá 183 lojas e deve ser entregue no final de 2008.

Metro quadrado na Saul Elkind é um dos mais caros da cidade

Na última década, principal avenida da zona norte sofreu mudanças no perfil; o velho comércio de bairro vem assumindo características semelhantes ao do centro da cidade

expansão
A vez dos profissionais liberais

Apesar da escassez de terrenos, o gerente comercial Caio Rogo avaliou que ainda há espaço para crescer na Avenida Saul Elkind. "O centro está tomado, mas as áreas mais para as pontas da avenida também vão ser procuradas, e não só por lojistas, mas também por profissionais liberais", disse o gerente da Metacorn. Além da maior valorização dos terrenos, o desenvolvimento comercial trouxe outra consequência. "Hoje o termo 'cintão conjuntos' está em desuso, dava mais uma conotação residencial, e cada vez mais se consolidou como zona norte", afirmou João Pereira, da Santamerica.

Uma das causas para a supervalorização dos terrenos dessa área, chamada de "cintão", é que o perfil na avenida mudou muito na última década, de uma característica de comércio de bairro, para se tornar semelhante ao centro da cidade. Hoje a avenida conta com agências bancárias e lojas de grandes redes, e um mercado consumidor injevável – a avenida é cercada pelo conjuntos habitacionais Violin, Maria Cecília e Inupá. "A Moveis Brasileira foi a primeira loja a abrir uma unidade na avenida, e foi seguida por Caixa Econômica Federal, Super Mafreto, houve uma sucessão de empreendimentos, as lojas melhoraram de padrão", afirmou Pereira. Apesar do incremento do comércio, ainda há mercadinho e outros estabelecimentos típicos de bairro.

"É uma cidade dentro da cidade, são 150 mil habitantes na zona norte, das classes B, C e D, que tiveram grande inserção no mercado nos últimos anos", afirmou Caio Rogo, gerente comercial da construtora Metacorn, que tem empreendimentos residenciais e comerciais na região. Rogo considera ainda 30 mil pessoas que moram na região do Jardim Leonor (zona oeste) e adjacências, e também são potenciais consumidores da zona norte. Ele disse apostar que os terrenos devem se valorizar ainda mais, já que há demanda por determinados tipos de serviço e lazer ainda não oferecidos na Saul Elkind.

"É o único eixo comercial em uma região de grande adensamento populacional e o preço dos terrenos já se igualou ao de áreas centrais. Atrelado, que a duplicação da rodovia Carlos João Strass facilitou o acesso e por isso incentivou novos empreendimentos não só na Saul Elkind, mas na região", ponderou o imobiliária Abílio Medeiros, em relação à obra, concluída em 2006. Ele lembrou, porém, que a Saul Elkind não é exceção, porque há outros centros comerciais em Londrina que se fixaram fora do centro, como as avenidas Madre Leonia Millito (zona sul) e Maringá (região central).

“Hoje o termo 'cintão conjuntos' está em desuso, dava mais uma conotação residencial, e cada vez mais se consolidou como zona norte.”
Caio Pereira, gerente de imobiliária

“É o único eixo comercial em uma região de grande adensamento populacional e o preço dos terrenos já se igualou ao de áreas centrais.”
Abílio Medeiros, imobiliária

Feira Livre da Av. Saul Elkind Zona Norte - FEIRA DO CINCÃO

Fonte: Galembeck (2008). Acervo NDPH-UEL.

Este fenômeno ainda é perceptível em 2012, quando uma reportagem da Folha de Londrina identifica para além do comércio crescente, causando a supervalorização dos terrenos, a presença marcante do polo industrial na região também como fator contribuinte para o aumento no interesse comercial da região (Santin, 2012).

Também em 2017, com o cálculo de reajuste dos terrenos em Londrina, a partir da Planta Genérica de valores “utilizada no cálculo do IPTU”, houve a valorização, em geral, no município, sendo que na Zona Norte “houve a valorização significativa (acima de 1000%) em imóveis do Jardim Pacaembu, bairro onde se localiza o Londrina Norte Shopping”, assim como, “Chama a atenção o Conjunto Violin, onde vários terrenos, de frente para a Saul Elkind, têm um dos maiores valores venais por metro quadrado da cidade” (Comeli, 2017).

Contudo, a supervalorização da região gerou o que Medeiros identifica como uma nova segregação das localidades próximas à Avenida com relação às demais. A autora aponta que:

Todas essas filiais instaladas na região provocaram uma alteração e valorização no preço dos imóveis e terrenos, que passaram a ser bastante disputados – em especial na Avenida Saul Elkind. Devido a uma expectativa de valorização por parte dos proprietários e investidores a especulação imobiliária

passou a ser uma realidade muito forte naquele local. Isso desencadeou um período de mudança, tanto na estrutura urbana quanto social, uma vez que, muitos dos primeiros moradores da Avenida Saul Elkind já não podiam mais arcar com os elevados custos de moradia que agora havia no local, desta forma, muitos se viram forçados a mudar-se para outras áreas, em especial instalavam-se em ruas um pouco mais distantes da avenida, onde os custos com a habitação não fossem tão elevados. Houve uma significativa valorização dos imóveis próximos da Saul Elkind, derivando em uma diferenciação nos padrões residenciais, notória até hoje ao caminharmos pela região (Medeiros, 2016, p. 50).

Por fim, a autora argumenta que a Av. Saul Elkind favoreceu na criação de setores bastante fortes economicamente, contribuindo para afastar a visão estigmatizada de bairro de periferia e passando a ser procurado na atualidade para novos investimentos:

O comércio na Saul Elkind serviu como uma possibilidade de ascensão social para seus moradores e demais londrinenses que lá trabalham e investem. Hoje a Avenida assumiu um caráter estratégico para o desenvolvimento financeiro que fez com que surgissem setores bastante fortes na região, como o comércio,

a indústria, os serviços e o lazer. A população que ali reside experienciou uma ascensão social e prosperou economicamente, fatores que aos poucos vem afastando a visão costumeira sobre a zona norte, estigmatizada por um longo período como um bairro popular, de periferia, distante e perigoso. Como uma mudança em seu perfil, atualmente é uma das regiões de Londrina mais procuradas para receber novos investimentos (Medeiros, 2016, p. 56).

outros para equipamentos públicos, localizados em grandes lotes, tendo em vista o uso da Av. Saul Elkind como centralidade da região.

A dinâmica dos comércios e de valorização do entorno da Avenida se altera e se expande ao longo do tempo, da mesma forma que se observa também esse movimento em relação à Feira. Além disso, a Feira funciona como símbolo da Av. Saul Elkind e é ainda reflexo desse comércio inicial, que se apresentou de maneira fluída, atentando às necessidades da população que ocupava os conjuntos habitacionais recém construídos e com pouca estrutura. Se no começo dos anos de 1970 os moradores se organizavam em pequenos espaços em frente às suas casas, hoje a mesma Avenida é tomada por comerciantes também de forma fluída, ainda que muito mais organizada e estruturada.

Nota-se que hoje, com a grande consolidação da Zona Norte, o entorno da área [Fig. 17] onde ocorre a Feira é composta predominantemente por comércios e serviços, com alguns lotes destinados ao uso institucional e

Figura 17 – Mapa de uso do entorno da Feira do Cincão.



Fonte: Os autores (2023).

A Av. Saul Elkind é demarcada não apenas pelo comércio, mas também pela infraestrutura, equipamentos públicos, áreas de lazer, além do fluxo intenso de veículos, visto que se trata de uma via arterial. De acordo com a legislação de Londrina Art. 1º da Lei nº 12.259, de 9 de abril de 2015 define-se por “III – vias arteriais: caixa da via de 30m (trinta metros) a 34m (trinta e quatro metros), sendo seu perfil formado por calçadas, pistas com faixa de estacionamento e faixas de rolamento em cada sentido de tráfego canteiro central com ciclovia;” (Londrina, 2015). Esse grande perfil garante que a Feira se distribua melhor, permitindo áreas de circulação, grande quantidade de barracas e maior integração com o comércio.

Daniela Moraes afirma em reportagem à Folha de Londrina: “A Saul é tudo para esses moradores [da região Norte] e tem tudo que eles precisam. A relação com ela é muito forte e há uma identificação com o espaço, já que significa que eles não precisam depender mais do centro” (A Saul [...], 2014). Nessa fala a forte relação comercial é destacada como resistência a uma realidade que marcou os conjuntos habitacionais: a distância do centro. Se por um lado, ir até as regiões centrais de comércio era uma verdadeira aventura no início dos anos 80, por outro foi motriz para estabelecer na “Saul” um espaço de comércio. Nesse sentido, novamente a instalação da Feira se consolida como um marco da história da região.

Roberto DaMatta (1997) explorou a importância da rua na cultura latino-americana. Para o antropólogo a rua é um espaço social onde ocorrem relações sociais significativas. A rua é onde estão os perigos, no

campo simbólico, ela é o local da fluidez, mas também o espaço do desconhecido. Em um momento onde a segurança torna-se cada vez mais preocupação dos transeuntes, a feira livre exerce esse simbolismo da rua, destacado por DaMatta. A Feira do Cincão ocupa o espaço da rua na Avenida Saul Elkind, é nesse lugar que ela se cristaliza no campo simbólico, e além disso desempenha esse espaço social de encontro, interação, conflito e reflexo da hierarquia.

Ainda hoje, o convívio entre o comércio local e a Feira demonstra que ela cumpre uma função estruturante para a Avenida, e que enquanto espaço de troca de mercadores ela simboliza os processos históricos vivenciados nesta região. Assim, a Avenida e a Feira se confundem como Lugar. A relação estrita entre a localidade do bem e o próprio bem é fundamental para compreender os processos históricos e os valores patrimoniais que a Feira representa.

A FEIRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DA ZONA NORTE

A Av. Saul Elkind tem um valor cultural importante para toda a região dos Cinco Conjuntos e Zona Norte; segundo os autores Cesário, Oliveira, Yoshimoto (2016, p. 62) é possível identificar na Avenida um importante “patrimônio ambiental urbano” composto por uma série de elementos formadores da identidade regional e palco de trocas sociais. Dentre os atributos da Av. Saul Elkind com suas áreas

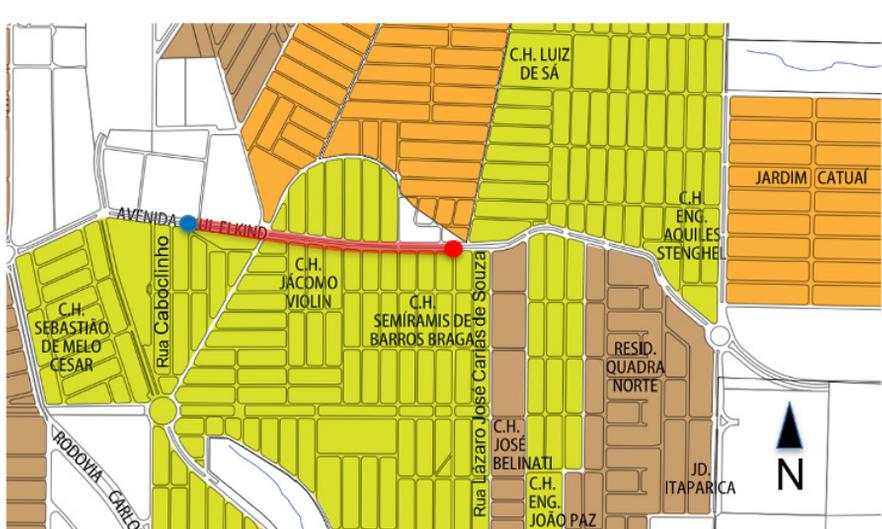
comerciais e de serviço, locais de encontro social e lazer, uma das características principais do local que evidenciam o seu valor cultural é sua relação intrínseca com a Feira do Cincão, essa já considerada pelos moradores como “patrimônio cultural da Zona Norte”.

Ao usarem a expressão *Saul é tudo*, reconhecem, em especial, no trecho entre o Centro Cultural e a Rua Caboclinho, a existência de um miolo.[...]Onde a avenida não se constitui apenas como lugar de comércio, mas também como cenário de muitas sociabilidades: de lazer, de manifestações políticas e culturais, de comemorações esportivas e de um acontecimento semanal já reconhecido por alguns moradores como patrimônio cultural da Zona Norte, capaz de atrair frequentadores do centro de Londrina e de municípios vizinhos. Trata-se da Feira Livre que ocorre aos domingos, na Saul Elkind” (Cesário, Oliveira, Yoshimoto, 2016, p. 70).

A Feira, segundo Medeiros (2016, p.55) “É a maior e mais peculiar feira livre de Londrina, se constitui numa possibilidade de comércio e lazer da região e uma das principais referências quando se fala da Saul Elkind”. A sua característica forte que une as atividades de comércio, onde é possível “encontrar um pouco de tudo” e de lazer, “[...] impõe um ritmo característico às manhãs de domingo na Avenida”.

Com a extensão de aproximadamente onze quadras, a Feira pode ser considerada a maior da cidade de Londrina. Como evidenciado anteriormente, nem sempre a Feira foi com esta extensão tão grande, no início era composta por apenas três quadras na extremidade leste próximo ao cruzamento com a Rua Lázaro José Carias de Souza, na parte mais antiga da própria Av. Saul Elkind [Fig. 18].

Figura 18- Extensão da Feira do Cincão - Início à leste na Rua Lázaro José Carias de Souza (círculo vermelho).



Fonte: Botti (2016, p.34), modificado pelos autores (2023).

Devido ao seu entrelaçamento ao desenvolvimento da região do Cinco Conjuntos e da região Norte da cidade, inclusive tendo seu início marcado principalmente para o abastecimento de produtos hortifrutigranjeiros, que era escasso naquela época inicial, outra característica marcante se deu no seu desenvolvimento acompanhando o crescimento da Zona Norte e a ampliação de venda de produtos diversificados, onde se pode “encontrar de quase tudo”. Sabe-se que a Feira iniciou suas atividades entre os anos de 1982 e 1983 e foi ampliada com a inserção da venda do produtor no ano de 1994 e nos anos 1990 com os “camelôs”.

As informações bibliográficas que obtivemos registravam que, enquanto a feira livre lá se organizava entre os anos 1982 e 1983, a do produtor fora inserida no ano de 1994- conforme informações da Secretaria

Municipal da Agricultura e Abastecimento de Londrina, órgão regulamentador da feira do produtor - e que os camelôs lá também começaram a atuar nos anos 1990, de forma não regulamentada, situação que continua até os dias atuais (Cesário, Oliveira, Yoshimoto, 2016. p.78).

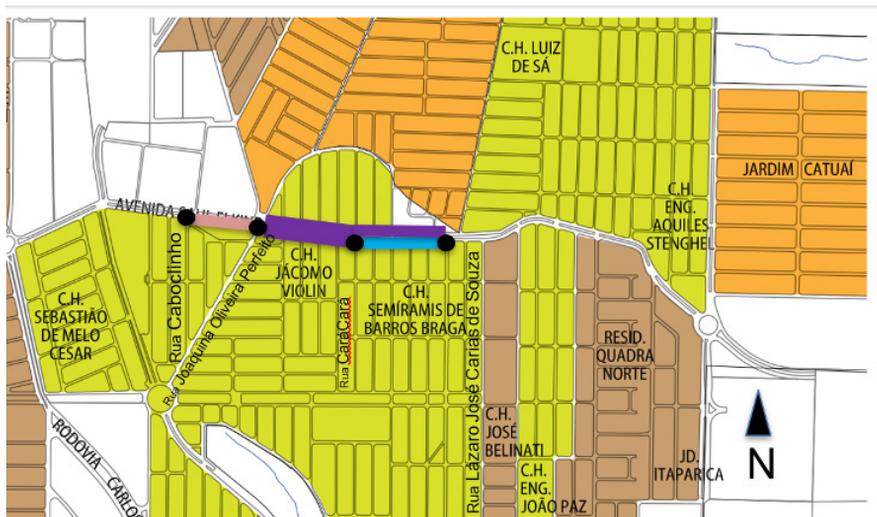
O crescimento da Feira fez com que em meados dos anos 2000, tanto na pesquisa realizada por Santos (2004), quanto nas pesquisas organizadas por Cesário, Oliveira, Yoshimoto (2016) dez anos depois, a Feira do Cincão fosse identificada com cinco quadras para a venda de produtos hortifrutigranjeiros conhecida como feira livre, cinco quadras para a venda de produtos diversificados conhecida como “camelódromo” e mais uma quadra voltada para venda de produtos hortifrutigranjeiros, desta vez diretamente dos produtores, conhecida como feira do produtor.

Sabíamos também que a feira livre tivera sua implantação e desenvolvimento a partir do sentido leste-oeste, da mesma forma como aconteceu a expansão da própria avenida. O “mapa” de que dispúnhamos indicava que a feira livre de produtos hortifrutigranjeiros iniciara-se na esquina com a rua Lázaro José Carias de Souza, terminando na esquina com a rua Cará Cará. A partir daí, tem-se o camelódromo que cruza a Rua Arara Azul, chegando até a rua Joaquina Oliveira Perfeito onde inicia-

se a feira do produtor, feira esta que termina na Rua Caboclinho (Cesário, Oliveira, Yoshimoto, 2016. p.77).

Conforme pode ser observado na imagem abaixo [Fig. 19] a divisão da Feira é feita em três partes com dimensões próximas, visto que a Feira do Produtor embora fique em apenas uma quadra, apresenta uma extensão maior do que as quadras anteriores, valendo sua dimensão como aproximadamente quatro das quadras anteriores.

Figura 19 - A Feira com a divisão em 3 partes. Feira livre (azul), Camelódromo (roxo) e Feira do Produtor (rosa).



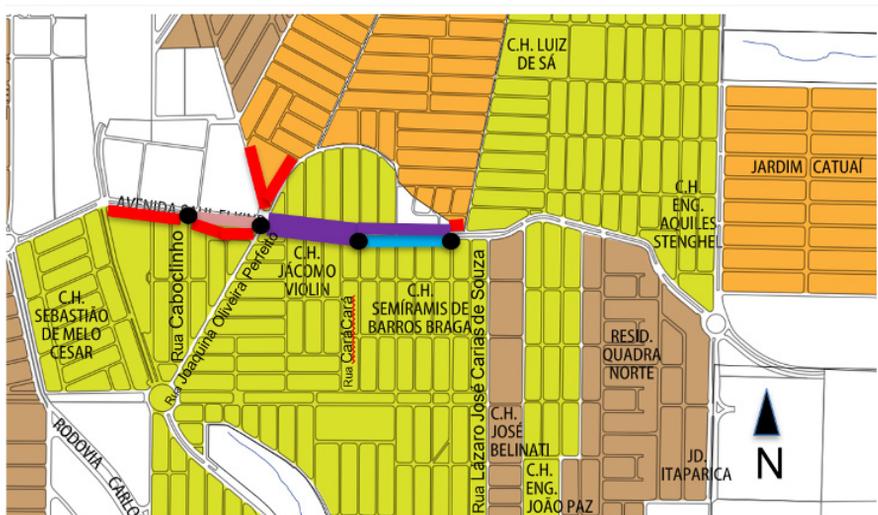
Fonte: Botti (2016, p.34), modificado pelos autores (2023).

Conforme narrado no levantamento realizado em 2014, próximo a feira do produtor foi encontrada uma grande quantidade de vendedores que se instalaram à margem da feira:

A descrição de que dispúnhamos não mencionava a presença de vendedores que se instalam à margem da feira do produtor, nas calçadas, expondo artesanatos - principalmente tapetes e panos de pratos - roupas confeccionadas em casa, e um volume expressivo de roupas, sapatos e acessórios usados que são colocados nas calçadas, margeando o início da feira do produtor. (Cesário, Oliveira, Yoshimoto, 2016. p. 78).

Uma configuração similar foi encontrada no levantamento atual de setembro de 2023, no qual foi possível encontrar uma série de vendedores que se estendiam até a Rua Odilon Braga na extremidade oeste, também tomavam a praça ao lado da Rua Luis Brugin, a calçada da Rua Chupin e na extremidade leste do lado norte da Feira se estendiam nas calçadas até a Rua Gessi Eugênio da Silva, somando aproximadamente 14 quadras [Fig.20].

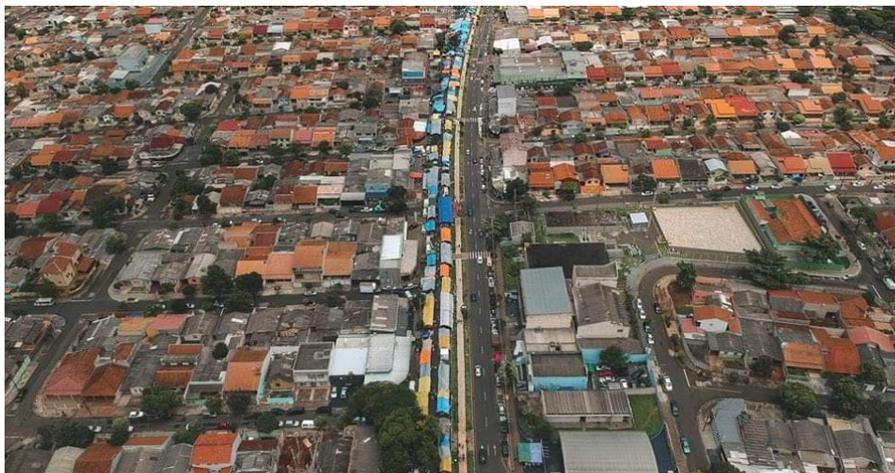
Figura 20 - A Feira com a divisão em 3 partes e a área estendida em vermelho. Feira livre (azul), Camelódromo (roxo) e Feira do Produtor (rosa).



Fonte: Botti (2016, p.34), modificado pelos autores (2023).

Ainda em relação à implantação da Feira na Av. Saul Elkind, os levantamentos realizados nos anos de 2004 e 2014, descreveram a Feira em apenas um dos lados da via da Av. Saul Elkind (lado sul) e o outro lado ficava livre para a passagem de veículos [Fig.21]. As barracas eram distribuídas em duas linhas paralelas da via, uma linha próxima à calçada e outra próxima ao canteiro central, formando assim um corredor para o trânsito dos visitantes.

Figura 21 - Imagem aérea da Feira em apenas uma via.



Fonte: Feira, Facebook.

Observando a Figuras 22 e 23, é possível imaginar que o espaço livre para a circulação das pessoas era estrangulado, ainda mais considerando o alto número de frequentadores da Feira. Além disso, o não fechamento dos dois lados da avenida para tráfego de veículos era um risco à segurança dos pedestres e feirantes. Comparando com os dias atuais, fica claro que o uso das duas vias da avenida traz inúmeros benefícios para a organização da Feira e segurança dos feirantes e frequentadores.

Figura 22 - Barracas dispostas em apenas uma via com circulação limitada.



Fonte: Marconi (2020).

Figura 23 - Imagem aérea da Feira localizada em uma via da Av. Saul Elkind.



Fonte: Feira, Facebook.

Na visita realizada em setembro de 2023, os feirantes contaram que a mudança aconteceu após o período de pandemia de COVID-19, quando a doença impeliu a população ao distanciamento social. Iniciada em março de 2020, a pandemia demandou que a Feira do Cincão fosse suspensa por algumas semanas. Segundo o Blog da Prefeitura de Londrina (Feira, 2020), os feirantes voltaram às atividades em maio de 2020.

Além disso, na época a Companhia Municipal de Trânsito e Urbanização de Londrina (CMTU) estabeleceu um conjunto de medidas para evitar a disseminação da Covid-19 nas feiras em Londrina, tais como: distância mínima de dois metros entre uma banca e outra; o uso obrigatório de máscaras por comerciantes e frequentadores; o emprego de luvas no interior das barracas; o fornecimento de álcool em gel ao público; a higienização constante de balcões, máquinas de cartão de crédito e outras superfícies; e a fixação de cartazes educativos informando sobre os cuidados em relação ao coronavírus (Feira, 2020). Também, foi proibido que pastéis, espetos e outros alimentos preparados na feira fossem consumidos no local.

Uma das feirantes contou que depois da pandemia, os integrantes da Feira Livre de Hortifrutigranjeiros se instalaram somente do lado sul da via, ocupando apenas um lado, mas que antes as barracas eram colocadas dos dois lados da rua. Isso deixava a circulação mais apertada. Segundo ela, dessa forma ficou melhor para os visitantes, e

para os comerciantes que acabaram ampliando o espaço para colocar as suas barracas e a área para atender seus clientes, com circulações mais espaçosas entre as barracas, as calçadas e o canteiro central.

Ao visitar a Feira em setembro de 2023, as divisões afirmadas por pesquisas anteriores já não mais podem ser visualizadas completamente. Para fins de apresentar esse estudo, em setembro de 2023 localizamos o início da Feira na altura da Rua Lázaro José Carias de Souza, ocupando os dois lados da via [Fig. 24], ela segue até o cruzamento com a Rua Joaquina de Oliveira Perfeito, em um total de dez quadras. Na sequência, ocupa apenas um lado da via (lado sul) até o entroncamento da Rua Caboclinho com a Rua Chupim, sendo essa última parte uma quadra mais longa. Após esse espaço ainda se observa uma continuidade de comércios, que se apropriam das calçadas dos dois lados da via até as proximidades da Rua Odilon Braga.

Figura 24 - Primeiras quadras na extremidade leste com barracas dos dois lados.



Fonte: Google Earth (2023).

Além disso, a configuração já não aparece definida com exatidão a separação dos produtos da “Feira Livre” de hortifrutigranjeiros e os antigos “camelôs”, que passaremos a chamar neste Estudo Técnico agora como Feira de produtos Novos e Usados. O lado norte das cinco quadras anteriores voltadas anteriormente para a “Feira Livre” estão sendo utilizadas também para a Feira de produtos novos e usados, assim como as áreas que extrapolam a configuração oficial da Feira do Cincão” [Fig. 25].

Figura 25 - Situação atual-set/2023- distribuição das barracas. Feira livre (azul), Feira de Produtos novos e usados (roxo) e Feira do Produtor (rosa).



Fonte: Os autores (2023).

No entanto, o que marca o diferencial da Feira do Cincão não é apenas a sua extensão e a venda de produtos variados, mas a forma que expressa sua relação com a própria essência popular da formação da Zona Norte, como é possível perceber na afirmação da Claudia P. S. Senna, morador do Parigot de Souza I “A feira é uma delícia. A feira é o “povão”, você não fica medindo muito o que vai falar. Do jeito que quiser falar, você fala.” (Cesário, Oliveira, Yoshimoto, 2016. p.70). A característica do imprevisto e fluidez marcado na disposição das barracas e nos vendedores que estendem à Feira nas margens evidência esta vontade de fazer acontecer, de fazer dar certo, que é marcante em toda a história da região dos Cinco Conjunto, que em meio a tantas dificuldades e situações precárias foram transformando a realidade do local.

Contrariando o termo carinhoso de “shopping a céu aberto”, a Avenida Saul Elkind apresenta uma estrutura e uma estética muito mais rica e dinâmica do que um shopping. Apresenta o planejado e o improvisado, o despojado e o suntuoso, além de uma fluidez mutante que nenhum shopping consegue por em prática” (Botti, 2016. p.41).

Além disso, a presença popular e de fazer um extra que é marcante na história das feiras livres, aparece com destaque na Feira do Cincão:

A impressão é de que esse comércio, que fica às margens, dá a ver, ao visitante, um pouco da vida privada e mesmo da intimidade das classes populares que para lá acorrem em busca de renda complementar. Conversamos com um desses expositores que vendia tapetes, pano de pratos e bermudas confeccionadas pela sua sogra e que nos disse ser aquela uma atividade econômica complementar de final de semana, uma vez que era vigia da empresa que explora as rodovias do Norte do Paraná, a ECONORTE (Cesário, Oliveira, Yoshimoto, 2016. p.78).

O comércio da Feira ainda alcança um patamar de paisagem, criando vistas marcantes que mesclam a apropriação da rua pelos vendedores, feirantes e usuários junto com os edifícios, vegetações e mobiliários da Av. Saul Elkind, trazendo significados e a tradução do caráter local:

A paisagem proporcionada pelos produtos têxteis expostos no cruzamento da Rua Caboclinho com a Avenida Saul Elkind, no domingo de feira-livre, fazendo contraste com as enormes palmeiras que pontuam o local, é ao mesmo tempo a imagem mais preta de significados e a tradução mais singela do caráter local e universal da rua em pleno uso (Botti, 2016, p. 37).

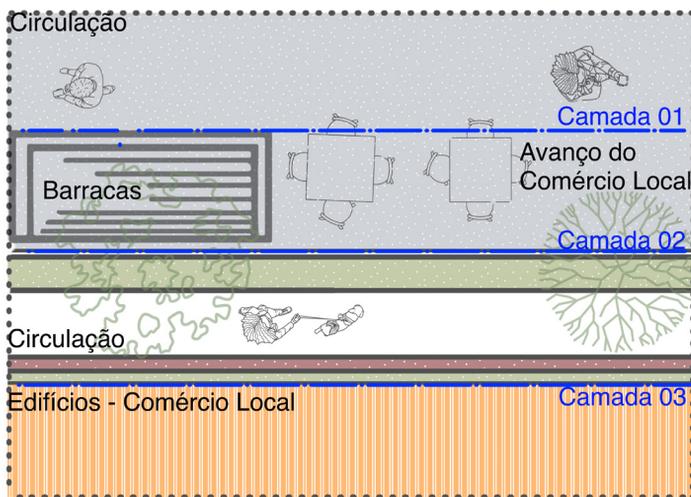
O conjunto de práticas que ocorrem na Feira, marcada por locais de encontro na visita às barracas ou apenas no percorrer a Feira, os

comportamentos e gestos característicos no dinamismo, improvisado e fluido, e ainda a relação com a história da Zona Norte de Londrina evidenciam aspectos que configuram a Feira como um patrimônio imaterial de Lugar.

3 CARACTERÍSTICAS DA FEIRA DO CINCÃO

Neste estudo consideramos a composição da Feira Livre marcada por espaços que promovem o comércio, com estruturas cambiantes ou arquiteturas espontâneas e espaços de criação de relações sociais dinâmicas. O perfil da Feira do Cincão é composto por quatro camadas principais: espaço de circulação de pedestres, implantação das barracas com estruturas cambiantes, área de circulação e passeio próximo aos comércios e edifícios com comércio local, como pode-se observar na Figura 26. Essas camadas, constantemente se misturam, fazendo com que o comércio local avance sobre o passeio e área destinada para as barracas, e por outro lado o espaço das barracas avance sobre as duas áreas de circulação. Como uma teia complexa de trocas sociais, este conjunto de espaços de circulação com “estruturas cambiantes” é o palco para uma série de encontros e convivências.

Figura 26 – As Camadas do Perfil da Feira.



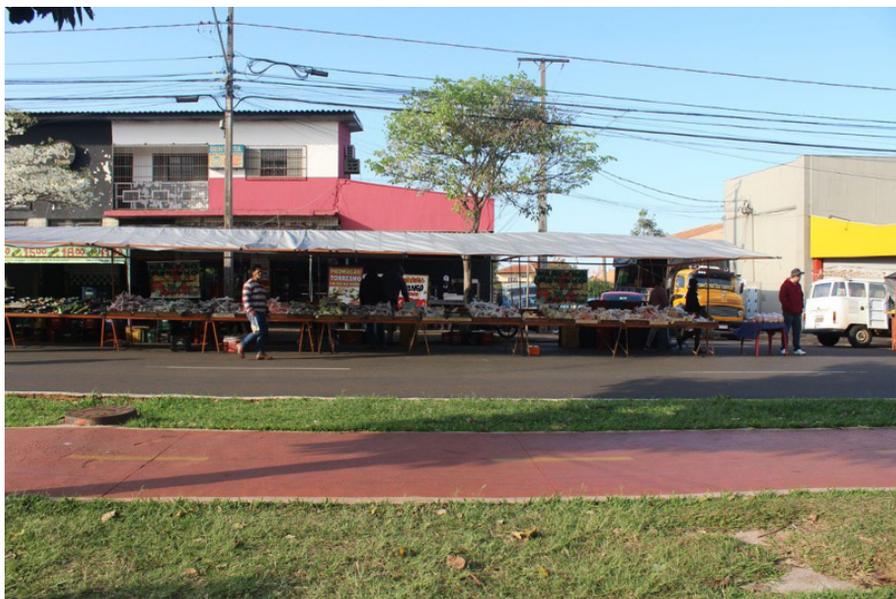
Fonte: Os autores (2023).

Hoje, os lojistas desfrutam do movimento da feira para aumentar também suas vendas. Muitos comércios funcionam junto a feira. No entanto, de acordo com a Lei municipal até ano passado de 2022, se impunha horários específicos para abertura desse tipo de comércio, sendo:

I – GRUPO 1, composto pelas atividades do comércio varejista de modo geral, terá como horário normal de funcionamento: de segunda a sexta feira das 8 às 18 horas, aos sábados das 9 às 13 horas e fechado aos domingos e feriados. No primeiro e segundo sábado depois do quinto dia útil do mês o horário de funcionamento será das 9 às 18 horas. (Londrina, 2011).

A Lei que exigia os horários de funcionamento foi alterada em 2023, passando, portanto, para a seguinte diretriz: “I – GRUPO 1, composto pelas atividades do comércio varejista de modo geral: facultativamente, todos os dias, durante 24 horas. (redação dada pela Lei n.º 13.594/2023)” (Londrina, 2023). Ao andar pela Feira é possível perceber a utilização da nova lei pelos comerciantes locais. São diversas farmácias abertas, um açougue, um sacolão, um supermercado, diversas lojas de roupas e de reparo de celulares, lanchonetes, entre outros [Fig. 27 a 35].

Figura 27 – Açougue.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 28 – Sacolão.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 29 – Supermercado.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 30 – Lanchonete na Feira Livre.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 31 – Lanchonete na Feira do Produtor.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 32 – Loja de roupas e acessórios.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 33 - Loja de roupas e acessórios.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 34 – Loja de reparo e acessórios para celulares.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 35 – Loja de reparo e acessórios para celulares.



Fonte: Os autores (2023).

A mescla das barracas da Feira com o comércio local é fluída, muitas vezes as informações dos produtos comercializados se misturam criando a percepção de uma feira de produtos ainda maior [Fig. 36].

Figura 36 - Barraca da Feira em primeiro plano e placas do comércio local ao fundo.



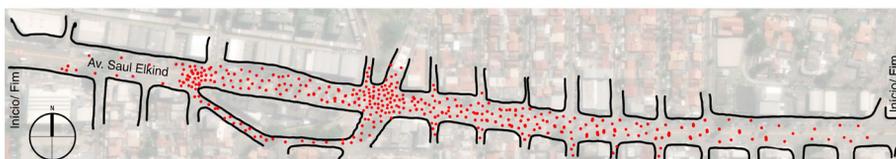
Fonte: Os autores (2023).

A FEIRA E SUAS FEIRAS

Visualizando a Feira como algo dinâmico e orgânico, é perceptível que existem áreas com maior concentração de pessoas e outras, com menor movimento, isso se deve as proporções e a distribuição espacial. As interseções entre as vias criam um maior acúmulo de visitantes e comerciantes. Na extremidade Oeste nota-se que há um menor fluxo de pessoas, devido à circulação de veículos. Em trechos onde a Feira se organiza de modo mais fluído, além dos seus limites oficiais na Av. Saul Elkind, há uma aglomeração considerável. Além disso, na extremidade Leste, onde existem menor quantidade de barracas, em especial no sentido Norte da via, nota-se uma

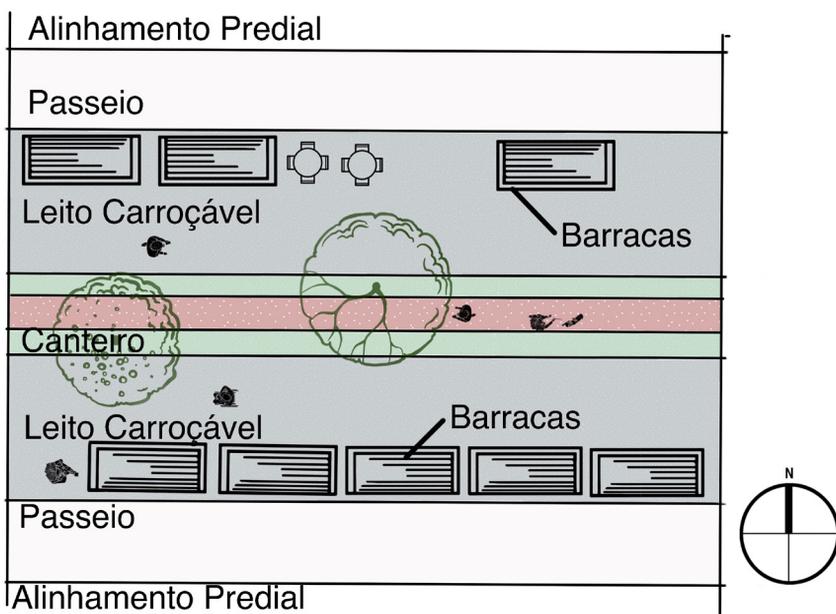
menor presença de visitantes [Fig. 37 e 38].

Figura 37 – Relação Espaço x Visitantes.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 38 – Distribuição Espacial de um trecho da Feira.



Fonte: Os autores (2023).

Como exposto ao longo do presente estudo, a Av. Saul Elkind trata-se de um eixo estruturante da cidade, e o trecho no qual a Feira é realizada é marcado pelo uso majoritariamente comercial. Há uma variedade de estabelecimentos e equipamentos urbanos, dentre eles citamos: Escola de Circo, Sesc, P.A.

(pronto atendimento), estação da Sanepar, Correios, CCI (Centro De Convivência da Pessoa Idosa), praça e centro esportivo (quadras, ginásio e piscinas), posto da Guarda Municipal, agências bancárias, além dos estabelecimentos de comércio e serviços em geral. As construções não possuem um gabarito de altura alto e no entorno em geral não há verticalização exacerbada.

No canteiro central que divide as duas vias da avenida há uma ciclovia. Há algumas árvores de médio porte distribuídas pelo canteiro central, ao lado da ciclovia; na calçada também estão presentes algumas árvores e canteiros gramados. A distribuição da vegetação segue o padrão exigido pelo poder público.

Nas onze quadras ocupadas pela Feira [Fig. 39 a 55] se observa alguns grupos mais homogêneos de feirantes que serão aqui apresentados para fins de organização do estudo. Um deles apresenta produtos hortifrutivariados como verduras, legumes e frutas. Nessa seção, reconhecida como a feira livre hortifrutigranjeira, identifica-se que a maioria dos produtos são originários do Ceasa. Também é possível encontrar barracas de grão, ervas medicinais, algumas barracas de peixe, queijo, e itens de crochê. A ocupação está prioritariamente do lado sul da via.

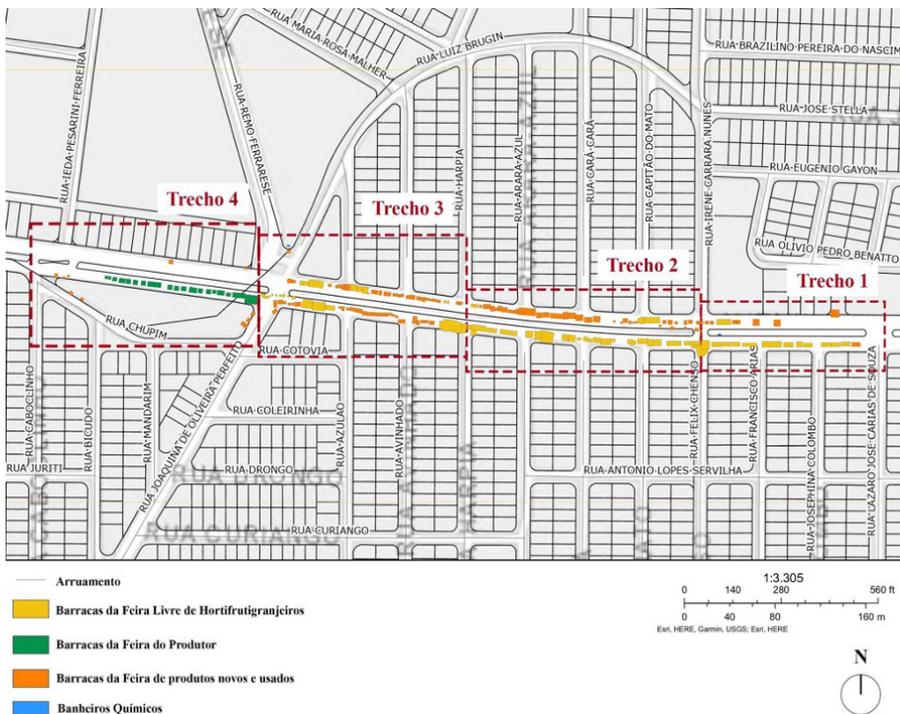
Já dos dois lados da via, observam-se diversas barracas de comidas, principalmente pastéis e salgados para serem consumidos no local, mas também, no cruzamento com a Rua Joaquina de Oliveira Perfeito um grande espaço

é ocupado por churrasqueiras que vendem frango e batatas assadas para serem levadas. Há ainda uma diversidade de barracas de produtos importados como brinquedos, cigarros, eletrônicos, também produtos de vestuário, juntamente com utensílios domésticos, de movelaria que estão majoritariamente do lado norte da via. Na última quadra, o comércio está restrito às barracas que são conhecidas como feira do produtor - ação fomentada pela Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento de Londrina, em que possuem um padrão estético mais uniforme, de cor verde e vendem produtos que tem origem em suas propriedades (localizadas em Londrina e região) como verduras, galinhas, frutas, mel etc.

Para além dos espaços ocupados pela Feira na Av. Saul Elkind, há ainda comércios laterais, que ocupam principalmente as calçadas no cruzamento com a Rua Joaquina de Oliveira Perfeito, rodeiam toda a praça onde hoje se localiza a Guarda Municipal alastrando-se pela Rua Chupim, também ocupam grande parte da praça em frente ao Centro Esportivo Maria Cecília, entre as ruas Remo Ferrarese e Luís Brugin. Esses comerciantes expõem produtos usados, em espaços improvisados, geralmente no chão ou em araras, se configurando como um verdadeiro mercado de pulgas, onde é possível encontrar uma pluralidade de itens como roupas, sapatos, ferramentas, peças de equipamentos eletrônicos, itens de refugo automotivos, da construção civil, etc.

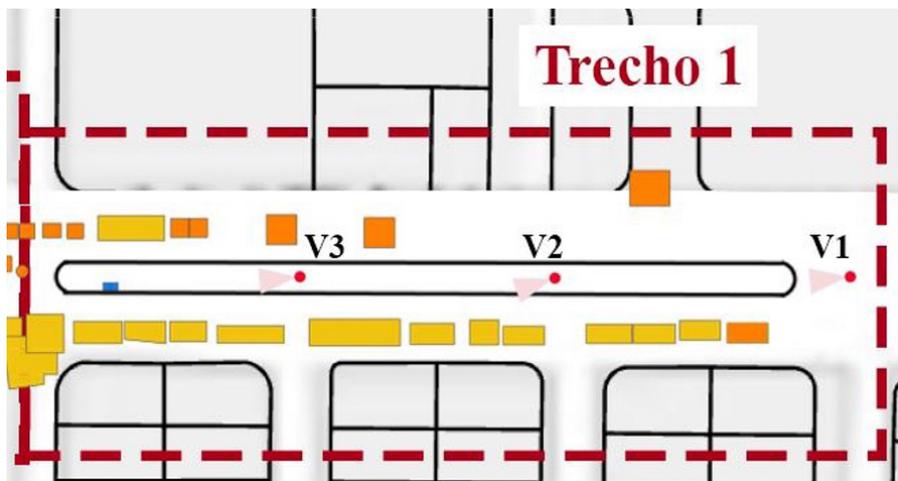
Há ainda pessoas que vendem produtos artesanais, como bolos, bombons e doces. Esses, andam oferecendo sua mercadoria ao longo da Feira. Também personagens caracterizados que circulam entre os visitantes tirando fotos, ou ainda performando em um espaço específico. Ainda, senhores que falam alto mensagens religiosas, chamam a atenção de quem passa. Assim, ao longo da Feira, sem um lugar fixo também se localizam comércios e performances que torna a experiência da visita ainda mais peculiar.

Figura 39 – Distribuição Espacial da Feira.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 40 – Trecho 1.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 41 – Trecho 1 - Vista 1.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 42 – Trecho 1 - Vista 2.



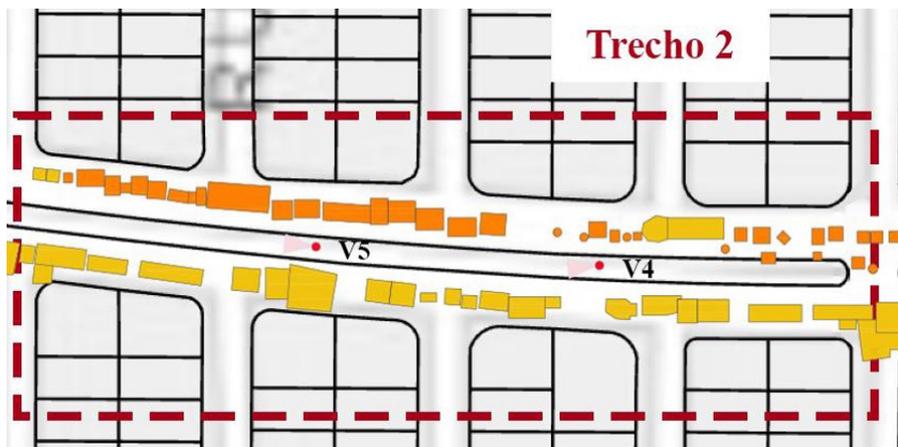
Fonte: Os autores (2023).

Figura 43 – Trecho 1- Vista 3.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 44 – Trecho 2.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 45 – Trecho 2 - Vista 4.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 46 – Trecho 2 - Vista 5.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 47 – Trecho 3 - Vista 6.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 48 – Trecho 3 - Vista 6.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 49 – Trecho 4 - Vista 7.



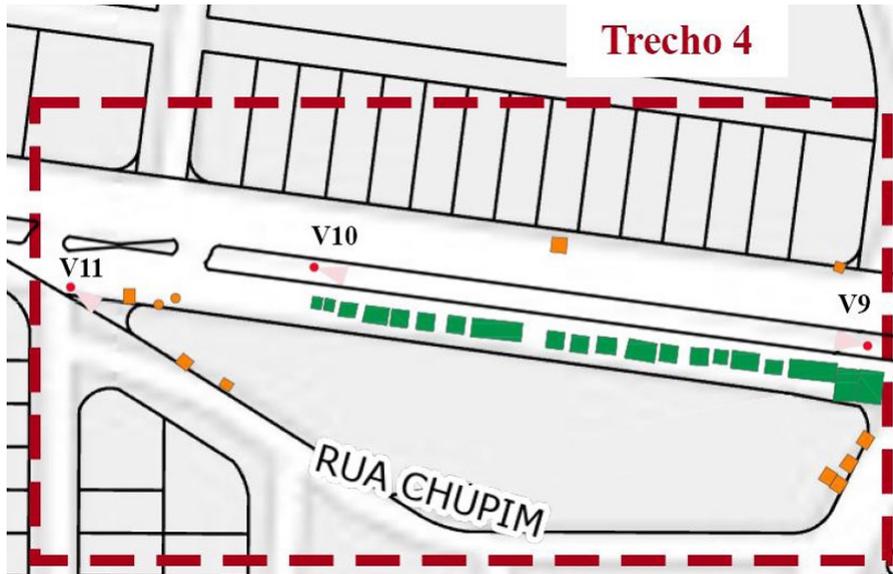
Fonte: Os autores (2023).

Figura 50 – Trecho 3 - Vista 8.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 51 – Trecho 4.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 52 – Trecho 4 - Vista 9.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 53 – Trecho 4 - Vista 10.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 54 – Trecho 4 - Vista 11.



Fonte: Os autores (2023)

Com relação à infraestrutura geral da feira, foram identificados quatro banheiros químicos: dois localizados no canteiro central da avenida [Fig 55] e dois na praça do Centro Esportivo Maria Cecília [Fig 56]. Além disso, destacamos também a presença de algumas lixeiras distribuídas pela extensão da feira.

Figura 55 – Banheiros químicos.



Fonte: Os autores (2023)

Figura 56 – Banheiros químicos.



Fonte: Os autores (2023).

A Feira Livre de hortifrutigranjeiros

A Feira Livre de Hortifrutigranjeiros tem como responsável a CMTU, que regulamenta os feirantes. Ela foi a primeira feira a ser realizada, sendo criada entre os anos 1982 e 1983. Nesta feira são vendidos diversos produtos naturais provenientes do CEASA e processados, dentre os quais se destacam: frutas, legumes, vegetais, folhas, ervas e grãos, além de produtos de origem animal como carnes, peixes, embutidos, queijos, ovos e mel [Fig. 57]. Os produtos são vendidos em sua forma natural, como também fracionados ou fatiados, embalados e organizados em bandeja.

Figura 57 - Algumas barracas da Feira Livre de Hortifrutigranjeiros.



Fonte: Os autores (2023).

Fazem parte dessa feira também as barracas que vendem alimentos para consumo imediato, como pastéis e salgados fritos, além de bebidas como sucos e refrigerantes. Muitas dessas barracas oferecem aos clientes café de cortesia. Além dessas, há também uma barraca de comida nordestina e algumas barracas de churros.

Os produtos ficam expostos e elevados do chão, em mesas com estrutura de cavaletes de madeira. No caso de produtos que necessitam de refrigeração, alguns feirantes possuem vitrines refrigeradas e outros optam por caixas térmicas com gelo.

As barracas ficam alinhadas e de forma ritmada do lado Sul das primeiras cinco quadras [Fig. 58 e 59]. Os tamanhos das barracas acompanham medidas aproximadas que variam de aproximadamente 2,00 x 3,00 metros a 3,50 x 5,00 metros.

Figura 58 - Quadras 1 e 2 (da direita para a esquerda) com disposição de barracas da Feira Livre de Hortifrutigranjeiros ao sul.



Fonte: [Google Earth \(2023\)](#).

Figura 59 - Quadras 3, 4 e 5 (da direita para a esquerda) com disposição de barracas da Feira Livre de Hortifrutigranjeiros ao sul.



Fonte: [Google Earth \(2023\)](#).

Com relação à materialidade, nota-se que não há um padrão nas cores, materiais ou tamanho. As barracas são em grande maioria cobertas, geralmente em lona. Em algumas, a estrutura para essas coberturas é feita com ripas de madeira, em outras, são utilizadas barracas pré-fabricadas. Muitas vezes, os feirantes se utilizam dos elementos urbanos como postes, placas, dentre outros, para montar a estrutura da barraca.

Algumas possuem banners com informações como nome da barraca e telefone de contato. Outras, possuem padronização nas lonas para vedação. Várias barracas de pastel possuem áreas com mesas e cadeiras de plástico, cobertas por grandes lonas [Fig. 60]. As barracas também não seguem um padrão de distribuição, e a distância entre uma e outra varia de acordo com o tamanho da barraca.

Figura 60 - Algumas barracas da Feira Livre de Hortifrutigranjeiros.



Fonte: Os autores (2023).

Embora exista um ordenamento em relação a implantação das barracas e a sua disposição alinhada e ritmada na face sul da via, não há um ordenamento em relação à agrupamentos por tipo de produto, sendo que os produtos diversificados se alternam de forma fluída [Fig. 61]. Dentre os principais produtos poderíamos separar em 5 grupos principais: Barracas de Frutas e Verduras, Barracas de Carnes, Barracas de Farinha, Barracas de Ervas Medicinais e as Barracas de Pastel.

Figura 61 - Início da Feira (extremidade leste).



Fonte: Os autores (2023).

As Barracas de Frutas e Verduras é a que apresenta um maior número, e devido a sua maior concentração em algumas quadras acontece de ter sequências de barracas apenas voltadas a este produto, como é possível ver na quadra 01. As dimensões das barracas são variáveis, podendo chegar algumas com extensão aproximadamente do dobro das menores [Fig. 62 e 63].

Figura 62 - Barracas de Frutas e Legumes na Feira Livre de Hortifrutigranjeiros.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 63 - Barracas de Frutas e Legumes na Feira Livre de Hortifrutigranjeiros.



Fonte: Os autores (2023).

Em algumas barracas voltadas para a venda de frutas e legumes são separados pequenos pacotes ou bacias de frutas ou verduras com valores reduzidos [Fig. 64], evidenciando os valores acessíveis e de fácil consumo para todas as camadas sociais. A maioria dos vendedores desta parte da Feira trabalham em outras feiras do município de Londrina.

Figura 64 - Produtos da Feira Livre de Hortifrutigranjeiros.



Fonte: Os autores (2023).

As Barracas de carnes são poucas, sendo presente produtos de embutidos e peixes, nesta parte se evidencia equipamentos de refrigeração ou mesmo caixas de isopor [Fig. 65 e 66].

Figura 65 - Barraca de embutidos.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 66 - Barraca de peixes.



Fonte: Os autores (2023).

Nas barracas de farinha pode-se comprar os produtos em grãos [Fig. 67 a 71] com variedade de produtos ensacados. O usuário pode escolher o produto e a quantidade que desejar, pequenas “mesas” montadas com tábuas de madeira e pés metálicos, permitem deixar o produto na altura das mãos, facilitando sua visibilidade e manuseio na venda.

Figura 67 - Barraca de grãos.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 68 - Barraca de grãos.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 69 - Barraca de grãos.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 70 - Barracas da Feira Livre de Hortifrutigranjeiros.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 73 - Barraca de ervas e raízes.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 74 - Barraca de ervas e raízes.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 75 - Barracas do lado norte da via.



Fonte: Os autores (2023). Fonte: Os autores (2023).

Figura 76 - Barracas do lado norte da via.



Fonte: Os autores (2023).

De forma similar, do lado sul da via também aparecem barracas com produtos diversos, como uma barraca que vende produtos de casa [Fig.77], que não se enquadra na categorização de produtos hortifrutigranjeiros.

Figura 77 - Barraca de produtos diversos.



Fonte: Os autores (2023).

O último grupo que tem uma presença bem marcante nesta parte da feira e também nas outras duas categorias (do produtor e de venda de produtos novos e usados) são as barracas de pastel, que também não apresentam produtos hortifrutigranjeiros. Elas costumam ter dimensões maiores, pois apresentam uma área para a barraca e outra área para a localização das mesas de consumo dos clientes [Fig. 78 a 80]. Muitas vezes localizadas no encontro com as vias perpendiculares, permitem que as áreas de atendimento com mesas tomem essas vias.

Figura 78 - Barraca de pastel.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 79 - Barraca de pastel.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 80 - Barraca de pastel.



Fonte: Os autores (2023).

Os produtos de hortifrutigranjeiros se estendem até a Rua Joaquina de Oliveira Perfeito, sendo que nas últimas três quadras algumas barracas de venda de produtos diversos se mesclam com estes produtos. Não foi possível levantar todas as barracas em relação a serem regulamentadas ou não pela CMTU, dessa forma não é possível afirmar se a antiga Feira Livre de Hortifrutigranjeiros (que ficava apenas nas 5 primeiras quadras com duas fileiras no lado sul da pista), após a nova disposição teve sua configuração alterada, com as barracas mais espaçadas, predominantemente do lado sul da via, mas agora misturadas com os “camelôs” se espalhando até o fim das 10 quadras. Também é possível que algumas barracas com produtos de hortifrutigranjeiros não façam parte oficialmente da Feira Livre de Hortifrutigranjeiro regulamentada pela CMTU.

Dessa forma, a Feira Livre de Hortifrutigranjeiros continua tendo uma presença marcante na Feira, abastecendo a região Norte e outros usuários que usufruem da Feira do Cincão com produtos variados, de boa qualidade e preços acessíveis. Vale ressaltar, que em estudos realizados em 2004 por Santos, falavam do problema da concorrência dos supermercados e sacolões

da Av. Saul Elkind para este setor, levando a diminuição das vendas, no entanto, este aspecto não foi pesquisado no levantamento de Setembro de 2023, apenas a constatação de que este setor continua forte e evidente na Feira do Cincão.

A Feira do Produtor

O uso hortifrutigranjeiro também é sentido na última quadra oficial da Feira do Cincão, mas desta vez diferente da Feira Livre de Hortifrutigranjeiros, os produtos vendidos nesta parte são provenientes diretamente do produtor e não do CEASA, como a maioria na outra parte da Feira. As barracas da Feira do Produtor são distribuídas por uma quadra na face sul da avenida e possuem um padrão visual bem definido [Fig. 81]. Todas elas possuem estrutura metálica e, dessa forma, apresentam o mesmo tamanho, de aproximadamente 3,00 x 2,00 metros. Além disso, são cobertas e vedadas lateralmente por uma lona verde. Os produtos vendidos se resumem a vegetais, frutas, plantas, animais vivos e demais produtos produzidos e cultivados pelos próprios feirantes.

Figura 81 - Feira do Produtor.



Fonte: Os autores (2023).

De acordo com Andréa Santos (2004) e Ana Cesário; Adriely Oliveira; Graziela Yoshimoto (2014), a Feira do Produtor começou a ser regulamentada pela Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento (SMAA) em 1994. No entanto, as atividades realizadas pelos feirantes deste segmento apresentam um histórico anterior a este período, ao que nos foi relatado pelo Presidente da Feira na Saul Elkind antes de se realocarem para a avenida em 1994.

Com a atuação da SMAA, a partir de então começou a fiscalizar as diretrizes que regulam as feiras do produtor em geral no município de Londrina. De acordo com a Lei Municipal n.º 4.861, de 1991, são estabelecidos parâmetros para as dimensões das bancas, assim como:

Art. 9º As bancas – mesmo quando instaladas em veículos – deverão possuir toldos de lona em bom estado de conservação, de modo a abrigar as mercadorias das chuvas e raios solares, e cor padronizada.

Seção II – DAS OBRIGAÇÕES

Art. 22º IX – Usar guarda-pó padronizado e rigorosamente limpo; X – Expor, nas respectivas bancas, a placa padronizada onde consta o número correspondente ao seu alvará; (Londrina, 1991).

Santos (2004, p. 72) também ressalta que os espaços das bancas não podem ser vendidos ou cedidos, portanto, novos comerciantes devem se credenciar e se estabelecer nas pontas. Caso que observamos no estudo de campo, onde feirantes vendedores de mel [Fig. 82] que iniciaram suas vendas na feira há 7 meses se localizam na extremidade da feira do produtor.

Figura 82 – Barracas da Feira do Produtor (Barraca dos vendedores de mel ao fundo).



Fonte: Os autores (2023).

Ao entrevistarmos os feirantes da Feira do Produtor, observamos uma organização entre os próprios comerciantes. Há uma coordenação centralizada sob a responsabilidade de uma pessoa que gerencia todas as barracas. Além disso, os feirantes têm um conhecimento mútuo, sendo que alguns deles são membros da mesma família.

Na Feira do produtor, de forma similar à Feira Livre de Hortifrutigranjeiros, é possível encontrar as Barracas de Frutas e Verduras, também é possível encontrar comercialização de Plantas e de Animais, que são comercializados vivos como as galinhas. Por ser padronizado, o espaço de exposição dos produtos é similar, com exceção dos animais que ficam em jaulas.

As barracas de Frutas e Verduras são muito parecidas com as da Feira Livre de Hortifrutigranjeiros, com maior quantidade nesta parte da Feira e em menor quantidade a venda em porções com preços pré-definidos. A Feira do Produtor fica ao lado de edifícios com galerias comerciais, onde é possível ver novamente a integração visual das vendas dos produtos das lojas abertas com a Feira [Fig. 83].

Figura 83 - Barracas da Feira do Produtor.



Fonte: Os autores (2023).

A venda das plantas se encontra mesclada à venda de Frutas e Legumes, dividindo inclusive a mesma barraca, com algumas plantas ornamentais

apoiadas sobre a bancada e penduradas na estrutura metálica da cobertura [Fig. 84]. Em outros locais da Feira existe a presença da venda de plantas, mas de uma forma mais informal sobre espaços na rua ou calçadas.

Figura 84 - Barracas da Feira do Produtor.



Fonte: Os autores (2023).

A venda de animais [Fig. 85] é também bem limitada aos fundos da barraca com jaulas apoiadas em caixotes ou na área de extensão da feira sobre veículos.

Figura 85 - Barraca de animais vivos.



Fonte: Os autores (2023).

Vale ressaltar que é nesta última quadra oficial da Feira do Cincão, na qual se encontra a Feira do Produtor, parte da paisagem circundante com grandes palmeiras ritmadas e ordenadas que estão na calçada em frente a um estabelecimento comercial maior de esquina, estabelecem um fundo natural e agradável para as barracas dos produtores [Fig. 86]. As palmeiras ritmadas e altas, dão um ar de sofisticação ao local e se mesclam visualmente as barracas padronizadas, com um mesmo acabamento de tonalidade verde bem acabado, a junção desta paisagem dá a impressão de estar em uma outra feira.

Figura 86 - Barracas da Feira do Produtor.



Fonte: Os autores (2023).

A Feira de produtos novos e usados

As autoras Ana Cesário; Adriely Oliveira; Graziela Yoshimoto (2014), afirmam que os camelôs começaram suas atividades na Feira Livre por volta de 1990, data que podemos cruzar com o relato de uma das feirantes que afirma trabalhar lá em torno de 29/30 anos, portanto, entre 1993 e 1994.

A área voltada para a Feira de produtos novos e usados parece se fazer

presente em praticamente toda a Feira. É possível encontrar este tipo de venda de produtos antes e depois das ruas oficiais e em todas as quadras, se não dos dois lados da via em pelo menos um lado. Muitas vezes estas vendas acontecem não apenas no local oficial da Feira sobre as vias da Av. Saul Elkind mas, se estendem para as calçadas e qualquer espaço que possa comportar os produtos que se pretende vender.

Em conversa com os feirantes que atuam nesta área, foi informado que embora não exista um órgão regulamentador, existem regras internas em relação ao ponto em que cada feirante tem. Os novos que tiverem interesse em participar da Feira procuram comprar um ponto ou algum lugar que ainda não seja de “domínio” de alguém (o que acontece na maioria das vezes fora do espaço oficial da Feira, ou quando algum feirante mais antigo que tem o ponto falta). Sobre esta questão, segundo Santos (2004, p.81) “Para se inserir na feira da Saul Elkind é necessário que o camelô consiga um espaço na mesma e para tanto ocorre frequentemente a venda e compra de pontos ou bancas”. Cabe destacar que o presente estudo sobre o bem imaterial Feira do Cincão busca apontar os valores culturais e de sociabilidade que a representam, não sendo pertinente arbitrar sobre questões administrativas de organização da feira.

Segundo Santos (2004), em entrevista com feirantes no início dos anos 2000, alguns que têm veículos levam suas barracas

semanalmente e outros que não tem veículos alugam espaços para guardarem semanalmente suas barracas nas proximidades da feira, com valores na época de “R\$2,00 a R\$3,00”. A organização desta parte da Feira é realizada pelos próprios feirantes.

O grupo dos camelôs que atua na feira livre da Avenida Saul Elkind, além de não serem regulamentados formalmente, também não são organizados em associações. Quando necessitam de acertos eles próprios se organizam através do diálogo e do contato permanente de uns com os outros (Santos, 2004, p. 83).

Os produtos vendidos na Feira dos produtos novos e usados são diversos; os produtos novos vão de roupas, sapatos, móveis, até eletrônicos e brinquedos infantis [Fig. 87]. Os comerciantes expõem seus produtos em barracas, bancas e em automóveis. As roupas são expostas em araras, e outros produtos como brinquedos e artigos domésticos, são distribuídos na rua ou calçada.

Figura 87 - Feira de produtos novos e usados.



Fonte: Os autores (2023).

Outro tipo de comércio muito presente nessa categoria da feira são os produtos usados [Fig. 88]. Os produtos usados formam uma verdadeira miscelânea de itens dos mais variados tipos. Peças de carro, ferramentas, peças de eletrodomésticos, máquinas de costura, discos de vinil, aparelhos eletrônicos antigos, itens de decoração, roupas, sapatos, artigos de ferro-velho, enfim, uma infinidade de produtos.

Figura 88 - Produtos da Feira de produtos novos e usados.



Fonte: Os autores (2023).

Os comerciantes desses produtos se distribuem pelo espaço público de forma espontânea, sem uma organização aparente, e ocupam principalmente a praça próxima ao complexo esportivo. Os produtos são espalhados pelo chão, sob algum tecido estendido. Também estão presentes nesta feira ambulantes, que vendem doces caseiros, cigarros ou artigos diversos.

É nesta parte da Feira que também é possível encontrar alguns artesanatos, principalmente tapetes e panos de prato, e até esculturas em ferro. Neste sentido, podemos encontrar algumas representações em Barracas de Confecção Popular de Artigos de Cama, Mesa e Banho, Barracas de Ferragens, Barracas de troca-troca, com comércio de produtos usados e Barracas de Importados.

A Confecção Popular de Artigos de Cama, Mesa e Banho é marcada por poucas barracas onde é possível comprar peças feitas manualmente, principalmente de panos de prato e tapete [Fig. 89 e 90].

Figura 89 - Produtos artesanais.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 90 - Produtos artesanais.



Fonte: Os autores (2023).

As barracas de Ferragens englobam uma série de ferramentas usadas, ou outros tipos de peças que são na maioria das vezes expostas no chão [Fig. 91 a 94]. Na parte das ferragens também foram encontrados esculturas realizadas com ferro retorcido [Fig. 95 e 96].

Figuras 91 - Ferragens na Feira de produtos novos e usados.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 92 - Produtos da Feira de produtos novos e usados.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 93 - Produtos da Feira de produtos novos e usados.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 94 - Produtos da Feira de produtos novos e usados.



Fonte: Os autores (2023).

As barracas de troca-troca, com comércio de produtos usados, é marcada em grande quantidade por roupas e uma variada gama de produtos, inclusive eletrodomésticos e livros [Fig. 97]. Além disso, foi encontrada uma barraca que vendia moedas antigas para colecionadores [Fig. 98].

Figura 97 - Produtos da Feira de produtos novos e usados.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 98 - Barraca de moedas antigas.



Fonte: Os autores (2023).

As barracas dos Importados é marcada por uma série de produtos novos com uma variedade enorme de tipos de produtos e locais de armazenamento e exposição [Fig. 99 e 100].

Figura 99 - Barracas da Feira de produtos novos e usados.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 100 - Barracas da Feira de produtos novos e usados.



Fonte: Os autores (2023).

Em um grupo à parte, foi encontrado também móveis de madeira [Fig. 101] que parecem unir peças pré-fabricadas industrialmente e manualmente.

Figura 101 - Barracas da Feira de produtos novos e usados.



Fonte: Os autores (2023).

Ademais há barracas que vendem comidas diversas, criando um ambiente marcado por grande diversidade, inclusive com alteração constante nas dimensões das áreas de circulação e localização dos vendedores [Fig. 102 e 103].

Figura 102 - Barracas diversas da Feira do Cincão.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 103 - Barracas diversas da Feira do Cincão.



Fonte: Os autores (2023).

Ao aplicarmos questionários durante a visita, notamos uma certa apreensão por parte dos comerciantes localizados nessa parte da Feira. Muitos nos abordaram curiosos, querendo saber o motivo das perguntas e das fotos, mas poucos se dispuseram a colaborar. Isso limitou nossa capacidade de obter uma compreensão mais aprofundada das percepções desses comerciantes sobre os valores da Feira.

DINAMISMO

Há um dinamismo evidente entre os comerciantes que participam da Feira. Além disso, a maioria dos entrevistados afirmou que a Feira é sua única atividade profissional. Em geral, todos os comerciantes entrevistados expressaram seu apreço pelo trabalho na feira, seja pelo relacionamento com os clientes ou pela conexão que desenvolveram ao longo dos anos dedicados a essa atividade.

Além de espaço de comércio, observou-se também pessoas vestidas de personagens da cultura pop como Elvis Presley [Fig. 104], Michael Jackson [Fig 105] e Chaves [Fig. 106], que caminham entre os transeuntes, animando olhares curiosos e divertindo quem os interpola. Tiram fotos, fazem poses, “passam o chapéu”, ocupando o espaço da feira com performances.

Ao entrevistar o personagem Chaves, ele relata que faz eventos e shows durante a semana, mas está na Feira todo domingo, vende chaveiros temáticos, conversa com as crianças, mas são principalmente os adultos

e idosos que o abordam para uma troca casual de cumprimentos. Ele é exigente na foto, pedindo para que seja refeita algumas vezes até que a imagem fique a seu gosto, e não revela seu nome, pois o personagem é o que importa. Esses artistas anônimos também trazem à experiência da feira uma peculiaridade cultural própria. Eles encontram nas vias da avenida seu palco dominical.

Figura 104 - Pessoa vestida de Elvis Presley.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 105 - Pessoa vestida de Michael Jackson.



Fonte: Os autores (2023).

Figura 106 - Pessoa vestida de Chaves.



Fonte: Os autores (2023).

Nas vias, o que se observa é uma variedade de pessoas. Nos horários iniciais da Feira, há uma predominância de uma comunidade de idade mais avançada que se movimenta com liberdade e descontração. Cumprimentos acalorados, abraços, gritos de saudações que nomeiam conhecidos. Esses transeuntes se concentravam na parte sul da Feira onde se localiza as bancas de hortifrutigranjeiros, ao que pudemos observar, passando de maneira vagarosa entre as bancas e seus produtos. Alguns carregavam suas compras com sacolas em mão, já outros levaram seus carrinhos que auxiliam no transporte de suas aquisições, em sua maioria produtos como legumes, verduras e frutas que, de acordo com um casal de senhores, serviam para o consumo durante a semana.

O público idoso, no entanto, vai diminuindo por volta das 9:30, 10:00

horas da manhã, momento em que o público mais jovem começa a ser mais proeminente. Ressaltamos que o aumento de um público não exclui a presença de outros, optamos em abordá-la com relação a idade, tendo em vista a diversidade de visitantes que a feira alcança, como por exemplo étnica e regional.

Há também muitas famílias com crianças e pessoas mais jovens que andam apressadamente entre uma banca e outra. Seus movimentos apressados, somente param quando algum produto de interesse os chama a atenção, mas ao contrário do público idoso, os jovens divergem sua locomoção por toda a feira, principalmente nas bancas de pastéis [Fig. 107]. Ponto que um casal de Cambé, juntamente a seus filhos, afirmaram ser umas das principais atividades da feira, em conjunto ao lazer proporcionado. O lazer para o público jovem varia entre passar pelas bancas em conjunto com amigos e familiares, passear com animais de estimação e fazer caminhadas ou corrida.

Figura 107 - Barraca de Pastel.



Fonte: Os autores (2023).

Em conversa com os visitantes, questionando-os sobre as condições da Feira, muitos ao mesmo tempo não indicavam algum “problema” da Feira, no entanto, houve pontos levantados a respeito da infraestrutura, como por exemplo a falta ou necessidade de mais banheiros, lixeiras e postos de saúde. Como também, dois visitantes apontaram para a ciclovia, no centro da Avenida, como um local do perigo para o público, especialmente o idoso, sendo que suas afirmações foram de que o canteiro está em um nível muito elevado em comparação ao asfalto, deixando uma inclinação que requer cuidados ao atravessar. Outro ponto levantado foi a possibilidade de interdição da ciclovia aos domingos, alegando que já houve “atropelamento” das bicicletas com relação aos transeuntes da feira.

Por fim, além de estimular os sentidos da visão e do tato, a Feira do Cincão assim como outras feiras “[...] oferecem um mergulho em um ambiente de sons estranhos, gestos, imagens, pessoas, animais e coisas”, envolvendo também a audição e o olfato. (Minnaert, 2008 p. 130). Nela o burburinho das trocas comerciais se misturam a cumprimentos acalorados, músicas altas e pessoas pregando mensagens religiosas. Já o olfato é estimulado em alguns momentos com mais intensidade nas barracas de comida, como nos embutidos, peixes, frango assado e os famosos pastéis.

Há pouco policiamento, apenas uma viatura foi avistada durante a visita de campo. Os policiais, nesta ocasião, não circulavam. Contudo, uma sede da Guarda Municipal está no trecho da Feira [Fig. 108], e em contato com o guarda presente foi relatado que não há muitas ocorrências e que a Feira é um espaço tranquilo.

Figura 108 - Sede da Guarda Municipal.



Fonte: Os autores (2023).

Segundo um dos feirantes, os próprios comerciantes garantem um espaço seguro, se organizando entre si para inibir possíveis atos de violência. Mesmo assim, um outro feirante reclamou da falta de policiamento. De fato, não há ocorrências registradas de roubos ou furtos na Feira, o ambiente, frequentado por muitas famílias parece calmo e seguro, ainda que a sensação de segurança se esvai nas ruas laterais, devido em muito ao esvaziamento das pessoas.

A estrutura visualizada hoje e aqui apresentada é fruto da historicidade vivida, há mudanças da forma de organização, nas pessoas que visitam em diferentes horários, há diversidade nas posturas de visitantes e comerciantes. Assim, o dinamismo da Feira é característica de sua visão de mundo e também tem seu valor de testemunho histórico. Além disso, a feira livre é *livre*, é dinâmica, flexível e orgânica como bem demonstra a experiência de visitá-la.

Figura 109 - Croqui da Feira do Cincão.



Fonte: Os autores (2023).

A atual legislação municipal que trata do Patrimônio Cultural londrinense resume-se à Lei n.º 11.188 de 19 de abril de 2011, que define que “O Patrimônio Cultural de Londrina é integrado pelos bens materiais e imateriais, tomados individualmente ou em conjunto, que constituem a identidade e a memória coletiva londrinense.” (Londrina, 2011).

A lei apresenta nove critérios para a classificação de bens de interesse cultural para a cidade, sendo que podemos enquadrar a Feira Livre da Av. Saul Elkind em dois deles: “II - Ser testemunho de épocas de desenvolvimento da cidade; (...) VI - Ser formador da identidade local;” (Londrina, 2011)

O critério II é justificado pela relação da feira com a via na qual ocorre - Av. Saul Elkind - bem como pela região na qual se localiza - zona Norte. Como exposto na seção 2 do presente estudo, a criação da feira foi reflexo da ocupação e desenvolvimento da região Norte da cidade, portanto, testemunhou um período de grande relevância na história londrinense.

Dessa forma, o critério VI também pode ser justificado por essa relação feira-avenida-bairro que proporciona para a população local uma identificação e apropriação do Lugar.

No mais, observando os termos utilizados no texto da Lei, nota-se que os critérios se limitam a definir bens materiais e excepcionais, não se aprofundando nos bens de caráter imaterial e comum. Portanto, para uma salvaguarda efetiva, que contemple as complexidades do patrimônio cultural em sua esfera material e imaterial, ressalta-se a importância de revisão de termos e conceitos das legislações, visto que a única Lei que dispõe sobre o patrimônio cultural londrinense já soma doze anos de existência, e o campo do patrimônio cultural está em constante evolução, no que diz respeito às soluções teóricas e práticas.

5 RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA

A fim de permitir a salvaguarda do bem e potencializar o seu uso e apropriação para a população da Zona Norte e outras regiões, abaixo foram listadas algumas recomendações:

1. Realização de um inventário participativo da Feira com os feirantes, frequentadores e moradores do bairro, a fim de produzir material mais aprofundado para o diagnóstico do bem;

2. Estimular o desenvolvimento e preservação do artesanato local, como as esculturas metálicas e os tapetes e panos de prato feitos manualmente e artefatos em madeira;

3. Manter a ocupação da Feira nos dois lados da Av. Saul Elkind;

4. Estudar possibilidades de ampliar para as duas vias da Av. Saul Elkind a quadra da Feira do Produtor;

5. Manter a Feira funcionando no domingo de manhã;

6. Manter a diversidade de venda de produtos, que é característica da mesma, inclusive de produtos usados;

7. Manter espaço para a improvisação e fluidez característica do local;

8. Melhorar a infraestrutura de banheiros para feirantes e visitantes, além de itens que auxiliem na limpeza, como lixeiras;

9. Garantir a segurança no local com a presença de policiais;

10. Rever a possibilidade do uso da ciclovia durante o funcionamento da Feira ou estabelecer medidas de segurança para uma boa convivência de ciclistas e frequentadores da Feira;

11. Promover a capacitação dos feirantes e usuários em relação às características patrimoniais da feira e a importância da sua preservação;

12. Promover educação patrimonial da população acerca das feiras livres e bens culturais populares;

13. Preservar a relação da Feira com a paisagem circundante;

14. Estimular a visita da Feira com campanhas e realizar informativos sobre seu Registro como bem patrimonial.

15. Implantação de um totem informativo sobre a Feira do Cincão como bem imaterial londrinense.

A Saul é tudo. **Folha de Londrina**. 20 de abril de 2014. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/a-saul-elkind-e-tudo-878811.html?d=1>. Acesso em setembro de 2023.

ALVES, Claudia Lima Esteves. **Dinâmica espacial da produção e reprodução da força de trabalho em Londrina: os conjuntos habitacionais**. 1991. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

BORGES, Larissy Barbosa. **Entre sons, aromas e sabores: as feiras em Goiânia: história, referência cultural e hibridação entre o moderno e o tradicional**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2013.

BOTTI, Pedro Eduardo. Evolução urbana e tipologia arquitetônica da Avenida Saul Elkind. *In*: SILVA, Bruno Sanches Mariante da; MORAES, Daniela Reis de e MEDEIROS, Talita Sauer. **Essa rua tem História: memória e sociabilidade na Avenida Saul Elkind**. Londrina: Unifil, 2016. p. 31 - 42.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti, OLIVEIRA, Adriely Martini, YOSHIMOTO, Grazielle Maria Freire. A Saul é tudo. *In*: SILVA, Bruno Sanches Mariante da; MORAES, Daniela Reis de e MEDEIROS, Talita Sauer. **Essa rua tem História: memória e sociabilidade na Avenida Saul Elkind**. Londrina: Unifil, 2016. p. 60 - 81.

COMELI, Loriane. Imóveis de Londrina tiveram supervalorização em 16 anos. **Folha de Londrina**. 16 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/politica/imoveis-de-londrina-tiveram-supervalorizacaoem-16-anos-985242.html?d=1>. Acesso em 19 de set. de 2023.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

“FEIRA do Cincão” retorna neste domingo. **Blog. Londrina**. 30 de abril de 2020. Disponível em <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=74714>. Acesso em: 23 set. 2023.

FEIRA. **Facebook Feira do Cincão**. Disponível em: https://www.facebook.com/feiradocincao/?paipv=0&eav=Afbyclujr-6Jpk7Q1O7DBkYIFcTXZL51N9T55qP48pUc9LX64eapFWiGikZaUqVtJ_g&_rdr. Acesso em set./2023.

GALEMBECK, Glória. Metro quadrado na Saul Elkind é um dos mais caros da cidade. **Jornal de Londrina**. 13 de out. de 2008. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) - UEL.

GOOGLE Earth website. Disponível em: <http://earth.google.com/>. Acesso em: 23 set. 2023.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Dossiê IPHAN 9 {Feira de Caruaru}**. Brasília, DF: IPHAN, 2009. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie9_feiradecaruaru.pdf . Acesso em: 19 set/2023.

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL). **Prefeitura de Londrina**. Londrina. Disponível em: <https://ippul.londrina.pr.gov.br/>. Acesso em: 23 set. 2023.

JANUZZI, Vinicius Prado et al.. **Educação patrimonial, diversidade e meio ambiente no Distrito Federal** – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – Brasília : IPHAN, 2022. 251 p.

LONDRINA. **Lei Municipal n.º 4.861, de 3 de dezembro de 1991**. Regulamenta as atividades relativas às Feiras Livres e do Produtor no Município de Londrina. Londrina: Câmara Municipal, 1991. Disponível em: <https://www2.cml.pr.gov.br/leis/1991/web/LE048611991consol.html>. Acesso em: 19 set. 2023.

LONDRINA. **Lei n. 11.09, de 3 de dezembro de 2010**. Transforma, em patrimônio sócio cultural do município de londrina, as feiras livres, as feiras da lua e as feiras do produtor que se realizam periodicamente na cidade em diversos locais pré determinados e devidamente autorizados. Londrina: Câmara Municipal, 2010. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/l/londrina/lei-ordinaria/2010/1109/11090/lei-ordinaria-n-11090-2010-transforma-em-patrimonio-sociocultural-do-municipio-de-londrina-as-feiraslivres-as-feiras-da-lua-e-as-feiras-do-produtor-que-se-realizam-periodicamente-na-cidadeem-diversos-locais-pre-determinados-e-devidamente-autorizados>. Acesso em set./2023.

LONDRINA. **Lei no 11.188, de 19 de abril de 2011.** Dispõe sobre a Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Londrina. Londrina: Câmara Municipal. 2011. Disponível em: <https://www1.cml.pr.gov.br/leis/2011/web/LE111882011consol.html>. Acesso em: 27 abr. 2023.

LONDRINA. **Lei Municipal de Londrina nº 11. 468, de 29 de dez. de 2011.** Institui o código de posturas do município de Londrina. Londrina: Câmara Municipal. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/l/londrina/lei-ordinaria/2011/1147/11468/lei-ordinaria-n-11468-2011-institui-o-codigo-de-posturas-do-municipio-de-londrina>. Acesso em: 19 de set. de 2023.

LONDRINA. **Lei Municipal de Londrina, nº 12.259, 09 de abril de 2015.** Altera a redação do art. 12 da Lei nº 12.237/2015, que dispõe sobre o Sistema Viário do Município. Londrina: Câmara Municipal. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/l/londrina/leiordinaria/2015/1226/12259/lei-ordinaria-n-12259-2015-altera-a-redacao-do-art-12-da-lei-n-12237-2015-que-dispoe-sobre-o-sistema-viario-do-municipio>. Acesso em: 19 de set. de 2023.

LONDRINA. **Lei Municipal de Londrina, nº 13.594. 30 de maio de 2023.** Altera o inciso I e acresce o § 11, do art. 16, da Lei Municipal nº 11.468, de 29 de dezembro de 2011. Londrina: Câmara Municipal. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/l/londrina/lei-ordinaria/2023/1359/13594/lei-ordinaria-n-13594-2023-altera-o-inciso-i-e-o-7-e-acresce-o-11-do-artigo-16-da-lei-municipal-n-11468-de-29-de-dezembro-de-2011>. Acesso em: 19 de set. de 2023.

MARCONI, Pedro. Mesmo com liberação, Feira do Cincão não será realizada neste fim de semana. **Folha de Londrina.** 24 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/mesmo-com-liberacao-feira-do-cincao-nao-serarealizada-neste-fim-de-semana-2988424e.html?d=1>. Acesso em: 23 set. 2023.

MEDEIROS, Talita Sauer. Uma outra cidade? A Avenida Saul Elkind, o desenvolvimento comercial e a ascensão social dos moradores da zona norte de Londrina. In: SILVA, Bruno Sanches Mariante da; MORAES, Daniela Reis de e MEDEIROS, Talita Sauer. **Essa rua tem História: memória e sociabilidade na Avenida Saul Elkind.** Londrina: Unifil, 2016. P. 43 - 58

MINNAERT, Ana Cláudia de S. Teles. A feira livre sob um olhar etnográfico. In: FREITAS, Maria do Carmo Soares de; FONTES, Gardênia Abreu Vieira; OLIVERIA, Nilce de. **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/9q>. Acesso em: 19 de set. 2023.

MORAES, Daniela Reis de. **O Discurso sobre os Cinco Conjuntos como uma outra cidade**: estudo sobre as representações da periferia de Londrina - PR (1978-2008). 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

OGAWA, Vítor. Quarenta anos em cinco. **Folha de Londrina**. 13 nov. 2018. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/quarenta-anos-em-cinco-1019883.html?d=1>. Acesso em: 18 set. 2023.

PELEGRINI, Domingos. Feira-livre. In: **Londrina: olhar da alma**. Londrina: Midiograf, 2006.

SANTIN, William. Uma região que pulsa valorização. **Folha de Londrina**. 28 de out. de 2012. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cadernos-especiais/uma-regiaoque-pulsa-valorizacao-821986.html?d=1>. Acesso em: 19 de set. de 2023.

SANTOS, Andréa Rodrigues dos. **A Feira da Saul Elkind**. 2004. 123f. Monografia (Curso de Geografia) - Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2004.

SASAKI, Nina Desenne et al. Análise da Microescala da Caminhabilidade: Aplicação do MAPS-Global em um bairro de baixa renda de uma cidade média brasileira. **Revista de Morfologia Urbana**, v. 10, n. 1, 2022.

SAUL Elkind é a Avenida mais extensa de Londrina. **Folha de Londrina**, Londrina, 17 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/saul-elkind-e-aavenida-mais-extensa-de-londrina-confira-a-lista-3232696e.html?d=1>. Acesso em setembro de 2023.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da; MORAES, Daniela Reis de e MEDEIROS, Talita Sauer. **Essa rua tem História**: memória e sociabilidade na Avenida Saul Elkind. Londrina: Unifil, 2016.

SOLICITAÇÃO de Inscrição de Bem Cultural. **Prefeitura Municipal de Londrina**. [20- -].

THEODORO, Apolo. A Higienópolis dos Pobres. **Folha de Londrina**. 07 de jan. de 1989a. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) - UEL.

THEODORO, Apolo. Londrina, nunca mais. **Folha de Londrina**. 06 de jan. de 1989b. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) - UEL.

THEODORO, Apolo. O mundo dos Conjuntos. **Folha de Londrina**. 05 de jan. de 1989c. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) - UEL.

THEODORO, Apolo. Virando a mesa. **Folha de Londrina**. 08 de jan. de 1989d. Acervo do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) - UEL.

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) - Intangible Heritage domains in the 2003 Convention. 2003. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/intangible-heritage-domains-00052>. Acesso em: 24 set. 2023.

VELOZO, Mariza; ANGÉLICA, Madeira. A cidade e suas feiras: um estudo sobre as feiras permanentes de Brasília. Brasília, DF : IPHAN / 15ª Superintendência Regional, 2007. 80 p.

VÍDEO

No link abaixo é possível visualizar registros da Feira do Cincão, produzido pelos autores.

<https://youtu.be/jl2uxeQgDno?si=jtnt9irTjTUgVHT1>

